

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

**EMPREENDEDORISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
UMA APLICAÇÃO**

Laudinéia de Souza Santos

FLORIANÓPOLIS – SC,
MAIO- 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

**EMPREENDEDORISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
UMA APLICAÇÃO**

Mestranda: Laudinéia de Souza Santos
Orientador: Fernando Álvaro Ostuni Gauthier

FLORIANÓPOLIS – SC
MAIO - 2000

**EMPREENDEDORISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
UMA APLICAÇÃO**

LAUDINÉIA DE SOUZA SANTOS

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Ricardo Miranda Barcia PhD

Coordenador

Banca Examinadora:

Prof. Fernando Álvaro Ostuni Gauthier, Dr.

Orientador

Prof., Dr. Arioaldo Bolzan

Prof^a., Dr.Édis Mafra Lapollis

Às crianças.....

Mágicas, curiosas, ousadas, sonhadoras, inovadoras,
realizadoras.... empreendedoras!

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, ao professor Ricardo M. Barcia, por abrir as portas para a multidisciplinaridade.

Obrigada a todos da secretaria de Pós-Graduação que com paciência e disposição me auxiliaram na conclusão deste trabalho, de modo muito especial à Neiva Gasparetto.

À Escola de Novos Empreendedores: Rita (um anjo da guarda em minha vida), Sandra, Cristina, Daniel, Clarice, Cassiano, Renata, prof. Flávio, profª Édis e ao professor Fernando A. O. Gauthier pela competência em me ajudar a organizar as idéias e as “boas intenções” de forma útil e compreensível, conseguimos professor.

À Escola de Educação Básica Hilda Theodoro Vieira terreno que acolheu esta semente e a vocês Chuca, Sonia B. e Cristina por ousar em recebê-la; aos alunos que participaram ativamente mostrando que vale a pena continuar.

À equipe de trabalho “Jeca Tatu”, amigos.... pessoas que me ensinaram a ampliar minha noção de valor: Sonia, Luciane, Lauro, Sueli, Emerson, Paola, Lucyany, Daniel.

Ao Laboratório de Ensino à Distância onde fiz minhas primeiras pesquisas, onde “espiei” os homens se relacionando “tão de longe e tão perto” à você Cynara que com um pequeno gesto de cuidado ganhou minha gratidão.

À Universidade Estadual de Maringá onde dei meus primeiros passos acadêmicos especialmente profª Silvina Rosa minha primeira orientadora.

À minha família: pai, meu “super-herói e meu bandido”, exemplo de honestidade e força; mãe, meu exemplo de mulher; “Lurita” minha irmã, presente de Deus em minha vida; Ju meu “menino caçula” que hoje me faz lembrar a cada dia que a criança se torna homem e o amanhã chega bem rápido.

Aos meus avós: Margarida, Joaquim e Malvina e à “bisa” Dindinha exemplos de determinação, força e coragem.

Maria Angela, Eloiza, Sueli e Jaine Eyre pelos tempo em que sonhávamos o que iríamos fazer depois da faculdade, amigas queridas.

Edson, obrigada por ter estado em minha vida de forma tão especial neste processo, pelo apoio e respeito.

Ao grupo da saúde mental que me ajudou a ver um mundo de forma diferente e me sentir mais tranqüila nele. Valeu Nilo por me ajudar a não ter medo de abrir os olhos e ver o “elefante de bolinhas cor de rosa” no meio da sala.

Doutor Jorge que cuidou da minha química; Celi que me ajudou a ouvir meus ecos e neles encontrar respostas; obrigada.

Àqueles que por alguma razão passaram por minha vida deixando um “pouco de flores”, que com poucas palavras, com olhares de esperança e com a lição de suas vidas contribuíram para que a chama continue acesa.

À esta ilha que com toda sua magia me abrigou no meu caminho de crescimento...

Aprendi(z) Contigo

Mundo aprendiz, que me diz que a vida é pra viver
Que viver é se deparar com um mundo “feio e lindo”
Que o “lindo” ensina e que o “feio” também indica
Que a contradição faz parte
Que razão e emoção estão nessa moeda
Que rodopia no ar e quando cai tem os dois lado em um mesmo lado
Será possível?
Dizem que melhor é impossível
Mas, que também tudo é possível
Se uma gota de fé existir
E o melhor é o que é
E o que é, é pra viver, é pra sentir
É ser aprendiz, e por isso
“Eu fico com a pureza da resposta das crianças”
E com o sensibilidade do “velho” que se vê pronto para recomeçar
E do “Extra Terrestre” que “aberto” sempre está!!

**Obrigada Sonia por me orientar
nos passos da vida!**

SUMÁRIO

RESUMO	XIII
ABSTRACT	XIV
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO.....	1
1.2 DEFINIÇÃO DO TEMA.....	2
1.3 OBJETIVOS DO TRABALHO.....	2
1.3.1 <i>Objetivo geral</i>	2
1.3.2 <i>Objetivos específicos</i>	2
1.4 JUSTIFICATIVA	3
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	3
2 EMPREENDEDORISMO	5
2.1 EMPREENDEDORISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: HISTÓRICO	5
2.2 PRINCIPAIS DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDORISMO	8
2.3 CARACTERÍSTICAS DO EMPREENDEDOR	10
2.4 A NECESSIDADE DE NOVAS HABILIDADES NO MERCADO DE TRABALHO....	12
3 EDUCAÇÃO E ESCOLA.....	14
3.1 NOÇÕES GERAIS SOBRE EDUCAÇÃO	14
3.2 A ESCOLA COMO VEÍCULO DE EDUCAÇÃO	15
3.3 O CONHECIMENTO COMO VALOR	20
3.4 DIDÁTICA E MÉTODO: FUNDAMENTOS E OBJETIVOS	22
3.5 PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS E METODOLÓGICOS	24
3.6 OBJETIVOS DA PRÁTICA EDUCATIVA	25
3.7 CONTEÚDOS DE ENSINO.....	26
3.8 CONCEITO DE METODOLOGIA.....	28
3.9 A AÇÃO DO PROFESSOR	29
3.10 CONHECIMENTO DOS ALUNOS	30
3.11 RELACIONAMENTO ENTRE PROFESSOR-ALUNO	32

3.12	MOTIVAÇÃO.....	33
3.13	SELEÇÃO DE RECURSOS.....	34
3.14	ENSINO FUNDAMENTAL	35
3.15	EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO.....	37
4	METODOLOGIA DOS SETE PASSOS.....	41
4.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	41
4.2	PREPARAÇÃO PARA OS SETE PASSOS	42
4.2.1	<i>Considerações iniciais</i>	<i>42</i>
4.2.2	<i>Avaliação diagnóstica do local.....</i>	<i>43</i>
4.2.3	<i>Avaliação diagnóstica do público específico.....</i>	<i>43</i>
4.2.4	<i>Avaliação Formativa.....</i>	<i>44</i>
4.3	PASSO 1: IDÉIA INICIAL	45
4.3.1	<i>Objetivo.....</i>	<i>45</i>
4.3.2	<i>Metodologias e Recursos</i>	<i>45</i>
4.3.3	<i>Habilidades</i>	<i>45</i>
4.3.4	<i>Resultados</i>	<i>45</i>
4.4	PASSO 2 VALIDAÇÃO DA IDÉIA NO MERCADO.....	48
4.4.1	<i>Objetivo.....</i>	<i>48</i>
4.4.2	<i>Metodologias e Recursos</i>	<i>48</i>
4.4.3	<i>Habilidades</i>	<i>48</i>
4.4.4	<i>Resultados</i>	<i>49</i>
4.5	PASSO 3: COMO FAZER	49
4.5.1	<i>Objetivo.....</i>	<i>49</i>
4.5.2	<i>Metodologias e Recursos</i>	<i>49</i>
4.5.3	<i>Habilidades</i>	<i>50</i>
4.5.4	<i>Resultados</i>	<i>50</i>
4.6	PASSO 4: PARCERIA.....	50
4.6.1	<i>Objetivo.....</i>	<i>50</i>
4.6.2	<i>Metodologia e Recursos</i>	<i>50</i>
4.6.3	<i>Habilidades</i>	<i>51</i>
4.6.4	<i>Resultados</i>	<i>51</i>
4.7	PASSO 5: EXECUÇÃO	51

4.7.1	<i>Objetivo</i>	51
4.7.2	<i>Metodologias e Recursos</i>	52
4.7.3	<i>Resultados</i>	52
4.8	PASSO 6: AVALIAÇÃO.....	52
4.8.1	<i>Objetivo</i>	52
4.8.2	<i>Metodologia e Recursos</i>	53
4.8.3	<i>Habilidades</i>	53
4.8.4	<i>Resultados</i>	53
4.9	PASSO 7: RECOMEÇAR	54
4.9.1	<i>Objetivo</i>	54
4.9.2	<i>Metodologia e Recursos</i>	54
4.9.3	<i>Habilidades</i>	54
4.9.4	<i>Resultados</i>	54
5	APLICAÇÃO.....	55
5.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	55
5.2	PREPARAÇÃO PARA OS SETE PASSOS	56
5.2.1	<i>Considerações iniciais</i>	56
5.2.2	<i>Avaliação diagnóstica do local</i>	56
5.2.3	<i>Avaliação diagnóstica do público específico</i>	58
5.2.4	<i>Avaliação Formativa</i>	59
5.3	PASSO 1: IDÉIA INICIAL	60
5.3.1	<i>Atividades desenvolvidas</i>	60
5.3.2	<i>Resultados</i>	61
5.4	PASSO 2: VALIDAÇÃO DA IDÉIA NO MERCADO	64
5.4.1	<i>Atividades desenvolvidas</i>	64
5.4.2	<i>Resultados</i>	64
5.5	PASSO 3: COMO FAZER	65
5.5.1	<i>Atividades desenvolvidas</i>	65
5.5.2	<i>Resultados</i>	66
5.6	PASSO 4: PARCERIA.....	70
5.6.1	<i>Atividades desenvolvidas:</i>	70
5.6.2	<i>Resultados</i>	71

5.7 PASSO 5: EXECUÇÃO	74
5.7.1 Atividades desenvolvidas:.....	74
5.7.2 Resultados	74
5.8 PASSO 6: AVALIAÇÃO	76
5.8.1 Atividades desenvolvidas:.....	76
5.8.2 Resultados	76
5.9 PASSO 7: RECOMEÇAR	80
5.9.1 Atividades desenvolvidas	80
5.9.2 Resultados:.....	80
5.10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	82
6.1 CONCLUSÕES.....	82
6.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	<u>89</u>

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Conceitos sobre Empreendedorismo.....	9
Tabela 2.: Características do Empreendedor.....	11
Tabela 3: Educação vinculada ao tempo e ambiente.....	16
Tabela 4: Escolas Pedagógicas	18
Tabela 5: Estudo Comparativo dos Paradigmas de Ensino	21
Tabela 6: Aspectos gerais do desenvolvimento infantil.....	31
Tabela 7: Relação dos nomes do público específico.....	59
Tabela 8: Preferências dos Elementos do Grupo.....	62
Tabela 9: Empresas Parceiras	72
Tabela 10: Análise da avaliação do público da festa.....	77

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Alunos e pesquisadores do Projeto Piloto Jeca Tatu	
Empreendedor	55
Fotografia 2: Ensaio da Dança Temática.....	66
Fotografia 3: Despertando Talentos na hora do recreio.....	69
Fotografia 4: Contato com o meio empresarial	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado final	75
Gráfico 2: Divisão do lucro	75
Gráfico 3: Atendimento	77
Gráfico 4: Qualidade dos produtos/serviços	77
Gráfico 5: Atrações	78
Gráfico 6: Ambiente da festa	78
Gráfico 7: Segurança.....	78

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Modelo da avaliação das habilidades	89
Anexo 2: Utilização do símbolo mascote	90
Anexo 3: Dados iniciais dos alunos	91
Anexo 4: Avaliação do conceito de festa do público específico	92
.....	92
Anexo 5: Utilização do mascote na organização da festa	93
Anexo 6: Planejamento estratégico das barracas no espaço físico da escola..	94
Anexo 7: Criatividade no out door da	
festa.....	95
Anexo 8: Ficha de pesquisa desenvolvida para a avaliação do público da	
festa.....	96

RESUMO

Diante das dificuldades encontradas no ambiente escolar e das possibilidades de superar os desafios de modo inovador, o presente trabalho objetiva comprovar as possibilidades de desenvolver habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes do Ensino Fundamental, gerando nos alunos comportamentos novos. Para tanto, foi desenvolvida, pelo grupo de pesquisadores da Escola de Novos Empreendedores – UFSC, uma metodologia, composta por sete passos metodológicos, flexíveis a diferentes públicos e ambientes. A aplicação da metodologia foi realizada com alunos da oitava série em uma escola da rede pública de ensino de Florianópolis, Escola Básica Hilda Theodoro Vieira, por meio do Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor. O processo e os resultados alcançados na organização, planejamento e execução do Projeto Piloto serão apresentados neste trabalho.

ABSTRACT

Given the difficulties that were found in the school situation and the possibilities of overcoming challenges in an innovative way, this paper has the purpose to comprove the possibilities to develop entrepreneurial habilities in children and adolescents of elementary School, thus generating new behaviors in the students. For that purpose, a methodology was developed by the group of researchers of UFSC's School for New Entrepreneurs (ENE), comprising seven methodological steps, and sufficiently flexible to be applied to different public and situations. The application of the methodology was developed with eighth grade students in a public school in Florianopolis, called Hilda Theodoro Vieira elementary School, by means of the Jeca Tatu Entrepreneur pilot project. Process and results achieved in organizing, planning and executing in the project are presented in this paper.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O avanço tecnológico e a globalização são apontados como os principais eixos de mudanças na atualidade. Essas mudanças, que ocorrem em velocidade superior às demais épocas, exige dos homens comportamentos e habilidades eficazes na produção da vida.

A teoria do empreendedorismo é um caminho de possibilidades para o desenvolvimento de novas habilidades que instrumentalizam os homens nesse processo de mudança.

A educação, um dos motores que mais contribui para o crescimento econômico do país deve preparar o indivíduo para as mudanças no mundo do trabalho. Contudo, as dificuldades e os problemas gerados de forma intensa em períodos de transformação, podem ser empecilhos para a construção social diferenciada. Somente com o desenvolvimento de nova práxis o homem poderá fazer frente às novas exigências.

A escola, sistema formal de educação, em sua grande maioria ainda continua utilizando técnicas e procedimentos antigos e ineficazes, formando empregados, para um mundo onde os empregos tornam-se metamórficos.

Acreditando na possibilidade de disseminar o espírito empreendedor no ambiente escolar, proporcionando o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes, o presente trabalho se originou.

A idéia de desenvolver uma educação empreendedora, fez com que fossem criados procedimentos metodológicos direcionados ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças no Ensino Fundamental.

Com o intuito de aplicar e testar tais procedimentos, comprovando a possibilidade e viabilidade de empreender na prática escolar, foi realizado o

Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor, na Escola Básica Hilda Theodoro Vieira, em Florianópolis, cuja metodologia utilizada e resultados alcançados compõem o presente trabalho.

1.2 Definição do Tema

Este trabalho enfoca o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes do Ensino Fundamental, com a aplicação de procedimentos metodológicos elaborados pelo grupo de pesquisadores da Escola de Novos Empreendedores –UFSC, que considera os elementos didáticos adequados ao processo de aprendizagem, às necessidades e a realidade do ensino fundamental atual.

1.3 Objetivos do Trabalho

1.3.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem por objetivo comprovar a possibilidade de desenvolver habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes no Ensino Fundamental.

1.3.2 Objetivos específicos

- Apresentar uma metodologia de incorporação do empreendedorismo no Ensino Fundamental;
- Aplicar a metodologia em uma escola pública;
- Verificar possibilidades de incorporação da metodologia no cotidiano escolar;
- Verificar o resultado alcançado na metodologia apresentada.

1.4 Justificativa

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seus incisos II e III do artigo 32, enfatiza “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por sua vez, incentivam a introdução e sistematização de discussões de problemas da sociedade, contemplando, as questões referentes à economia e ao mundo do trabalho, nos seus Temas Transversais.

A Escola de Novos Empreendedores da Universidade Federal de Santa Catarina, vem realizando nesse sentido um trabalho de sucesso, desde 1992, o que pode ser percebido no depoimento de um dos jovens em seu formulário de avaliação do curso, que diz:

“Freqüentemente, querem dizer ao jovem o que e como fazer. Freqüentemente, querem dizer ao jovem o que não fazer e como deve perceber o mundo. E, ao mesmo tempo, querem mais tarde, que o ex-jovem, já adulto promova novas soluções e inovações, e forneça respostas a problemas que ainda não foram capazes de resolver.... O que nós jovens queremos é aprender desde já é fazer nós mesmos, a construir nosso próprio futuro. Queremos ser empreendedores!”

Entendemos, pois, que quanto mais cedo for dado o estímulo para o desenvolvimento do empreendedorismo, maiores serão as chances de sucesso do futuro empreendedor.

1.5 Estrutura do Trabalho

Este trabalho está estruturado em sete capítulos, sendo que o primeiro capítulo trata da introdução ao tema e o segundo apresenta o empreendedorismo no processo histórico, indicando os pioneiros no assunto, seu significado inicial e as necessidades atuais da disseminação do espírito empreendedor em todas as áreas sociais.

O capítulo três apresenta definições sobre Educação e escola, apontando a importância e a relação dessas práticas no desenvolvimento e disseminação do empreendedorismo.

No quarto capítulo são descritos os procedimentos metodológicos propostos e no quinto é descrita a aplicação dos procedimentos metodológicos propostos no Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor, apresentando a viabilidade e utilidade do trabalho desenvolvido com a superação dos desafios encontrados.

O sexto capítulo apresenta as conclusões do trabalho desenvolvido bem como as recomendações para novos trabalhos.

2 EMPREENDEDORISMO

“Não é possível resolver problemas futuros, nem é fácil identificar o que é novo do que é velho na continuidade da história. Porém é preciso atentar à não linearidade desse movimento para refletir sobre um conceito” (Pereira, 1998).

2.1 Empreendedorismo e transformações sociais: Histórico

Todo processo de mudança acontece de forma não-linear, como alerta a epígrafe inicial. Segundo Pereira (1998), as inovações que vão sendo produzidas, não vêm com nenhum manual de uso. Por isso, ao falar sobre empreendedorismo, sobre um novo perfil de homem, é importante ter claro que algo não é bom ou ruim em si mesmo. Há portanto a necessidade de utilizarmos a ampliação de percepção, segundo o pensamento de Pereira (2000), para olhar o assunto não com a intenção de julgar, mas de aprender.

O empreendedorismo vem sendo, pesquisado por muitos autores, em diversas partes do mundo. Além disso tem despertado também o interesse de empresários, governos e órgãos que investem para um futuro melhor.

Apesar de ser um assunto da atualidade, de grande interesse científico e econômico atual, pesquisas indicam que as raízes de sua origem estão no século XVI. Segundo o professor Luiz Pondré Barretto(1998), do NUCLEEMP(Núcleo para Estudos do Empreendedorismo / Escola de Administração da UCSAL Universidade Católica de Salvador), o vocábulo vem do latim “Imprehendere”, que de acordo com o Dicionário Etimológico NOVA FRONTEIRA (1996), teria aparecido na língua portuguesa do século XVI. Contudo, a expressão empreendedorismo parece ter surgido da tradução da expressão “entrepreneurship” da língua inglesa que, por sua vez, é composta

da palavra francesa “entreprenuer” e do sufixo inglês “ship”, que indica posição, grau, relação, estado, qualidade, habilidade e/ou perícia.

De acordo com estudos de Vérin apud Fillion (1999), também pesquisadores da origem e evolução da palavra *entre-preneur*, o significado atual da palavra foi adquirida no século XVII, mas é a partir da segunda metade do século XVIII que passa a ser explorado de modo mais formal. Cantillon(1755), é apontado por Schumpeter como o primeiro a oferecer uma clara concepção da função empreendedora. Outro pioneiro é Say (1803) que, por ser o primeiro a lançar os alicerces desse campo de estudo, é considerado o pai do empreendedorismo.

Esses autores, os primeiros a explorarem o assunto, não estavam interessados somente na economia, mas também em empresas, na criação de novos empreendimentos, no desenvolvimento e gerenciamento de negócios. O início do desenvolvimento do empreendedorismo direcionou-se, portanto, à área empresarial, já que o século XVIII, caracterizou-se pelo desenvolvimento da Revolução Industrial.

Como o ser humano é um ser em movimento que busca satisfazer às suas necessidades e com isso sempre criando outras novas, as mudanças na história são contínuas e ininterruptas. Já no século XX , Schumpeter associa o empreendedorismo à inovação.

“A essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios (...) sempre tem a ver com criar uma nova forma de uso dos recursos nacionais em que eles sejam deslocados de seu emprego tradicional e sujeitos a novas combinações.” (Schumpeter apud Fillion, 1999)

A partir desta visão, outros autores perceberam a necessidade de inovação e também fazendo essa associação: Clark (1899), Higgins (1959), Baumol (1968), Schloss (1968), Leibenstein (1979), apud Fillion (1999).

Se no início o empreendedorismo estava mais relacionado ao meio empresarial, nos anos 80 atingiu as ciências humanas e gerenciais. Dois eventos marcam essa transição: a publicação da primeira de todas as

enciclopédias contendo o que havia de melhor e mais moderno sobre o assunto (Kent, Sexton & Vesper, 1982) e a primeira grande conferência anual (Conferência de Babson) dedicada à pesquisa no novo campo.

O empreendedorismo é, hoje, um assunto que atrai especialistas de áreas diferentes. Fillion (1999) aponta alguns autores como referências da tentativa de teorização do assunto: Amit & Glosten et al (1993); Bull, Thomas & Willard (1995); Collins, Moore & Unwalla (1964); Gartner (1985, 1990); Leibenstein (1968). Sendo Welsch (1992) considerada uma das mais completas bibliografias sobre empreendedorismo.

As mudanças socioeconômicas ocorridas desde a origem da palavra empreendedorismo até os dias atuais, fazem com que ela não se refira apenas a empresários, mas a homens empreendedores, que já não têm mais o emprego como forma de renda garantida.

Em um mundo onde muitos só vêem “caos”, habilidades empreendedoras como a criatividade, a visão de novas oportunidades, a busca de informações associada à produção de um conhecimento eficaz, tornaram-se fundamentais para o mundo do trabalho. Por este motivo, o campo de estudos do empreendedorismo se expandiu para as mais diferentes áreas, colaborando para o surgimento de uma ampla variedade de definições e metodologias sobre o assunto.

Segundo Fillion (1999), é fundamental não se limitar a uma abordagem unidimensional, pois as diferentes abordagens não devem ser consideradas erradas, mas complementares. Na abordagem econômica encontra-se uma definição voltada mais para a economia, na psicológica há estudos, avaliações e interpretações das características da personalidade do empreendedor e na social a ênfase está nas explicações das influências ambientais.

O importante é que, seja na abordagem econômica, psicológica ou social, “o empreendedorismo pode ser definido como um processo que ocorre em diferentes ambientes e situações organizacionais. Provoca mudanças pela inovação feita por pessoas que geram ou aproveitam oportunidades e que criam valor, tanto para si próprios como para a sociedade” (Lapolli et al., 1999)

Para exemplificar esse processo empreendedor, utilizou-se a consideração de De Masi (1999) sobre o trabalho de Michelangelo, que em sua genialidade não utilizou apenas fantasia e criatividade na construção da cúpula de São Pedro, mas, aos 72 anos, após desenhá-la convenceu o papa a financiar seu projeto e achou os escultores e os carpinteiros para realizarem o trabalho, gerenciando ao todo 3500 pessoas, por 20 anos, até sua morte.

2.2 Principais definições de empreendedorismo

Como foi visto no item anterior o empreendedorismo é, na atualidade, um assunto que desperta o interesse de pesquisadores e estudiosos de diversas áreas, sendo que para Bastos e outros (1999), os trabalhos sobre empreendedorismo podem ser realizados sob três óticas: do pensamento econômico, da abordagem psicológica e da abordagem de comportamento social. Constatou-se que cada área direciona o seu foco de estudo dando ênfase a diferentes aspectos, contribuindo para uma variedade imensa de teorias.

Por isso, Dolabela (1999) alerta para a ampliação da visão, de modo que o empreendedorismo seja considerado de forma integrada e não-fragmentada, levando em conta que se trata de um processo que ocorre nos mais variados ambientes e situações organizacionais, como apresenta Lapolli et al (1999). Para que se possa ter uma maior visão da multiplicidade de facetas do empreendedorismo, apresentamos a seguir, algumas considerações sobre empreendedorismo segundo Louis Jacques Fillion, um dos maiores pesquisadores do mundo; Fernando Dolabela, pesquisador brasileiro; e um dos conceitos utilizados pela Escola de Novos Empreendedores da Universidade Federal de Santa Catarina e do grupo de pesquisadores do Programa de Empreendedorismo em Educação da Escola de Novos Empreendedores.

Tabela 1: Conceitos sobre Empreendedorismo

Autores	Conceitos
Louis Jacque Filion (1999)	<i>“(...) o empreendedorismo pode ser considerado como um novo passo em direção à conquista da liberdade. A sociedade empreendedora de hoje parece estar sofrendo uma transformação bastante ampla, na qual o empreendedorismo é expresso em formas organizacionais menores”</i>
Fernando Dolabela (1999)	<i>“O empreendedorismo é algo dinâmico, o mercado e a tecnologia estão em constantes mudanças, as empresas parceiras também. Alterações de curso são inevitáveis nas relações de parceria”</i>
CET, 1998 apud Lapolli	<i>“No empreendedorismo as pessoas estão prontas para receber novas idéias; conhecimento é compartilhado e investimentos são feitos para estimular a criatividade. Busca-se sempre superar limites que os indivíduos criativos estão sempre enfrentando pois a criatividade também oferece riscos e confrontos . Mas, não fossem esses seres criativos, ainda estaríamos vivendo em cavernas”</i>

Os aspectos referentes ao processo de empreendedorismo, já eram listados por Stearns and Hill (1986), em seus estudos: liderança, dimensão de grupo de trabalho, criação organizacional, reconhecimento de oportunidades e inovação. Consideravam ainda elementos fundamentais os fatos de assumir riscos, angariar recursos e criar valores.

2.3 Características do empreendedor

Se há uma particularidade em cada área que trata do empreendedorismo, há um ponto comum entre elas, seja na economia, na psicologia, na educação, na saúde ou nas demais áreas: o empreendedorismo como processo sempre está associado ao homem. É ele que “faz” o empreendedorismo, que inova, que dá dinâmica ao processo, que compartilha conhecimentos, que gera novas idéias, que supera desafios e usa a criatividade para resolver problemas.

Por isso, segundo Ray, apud Lapolli (1999), a personalidade do empreendedor tem um papel decisivo na configuração da cultura, dos valores e do comportamento social em sua organização.

Tonelli (1997), em sua pesquisa, demonstrou que os empreendedores possuem necessidades, habilidade, valores e conhecimentos comuns entre si, independentemente da situação geográfica, social, política e econômica a qual pertençam. As características que integram e compõem o perfil do empreendedor, foi sintetizada na tabela 2.

Essas características apenas didaticamente separadas para uma melhor compreensão do todo, são interligadas e interagem entre si para formar o perfil do empreendedor.

Segundo Borchert (1999), “o desenvolvimento de habilidade e competência está intimamente ligado a preparação do sujeito para a resolução de problemas e a elaboração de resultados, importantes para si próprio e para o meio social no qual está inserido”, o que aponta para a urgência de trabalhos direcionados ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras e à formação de pessoas capazes de acompanharem o ritmo das mudanças atuais.

Portanto, para poder desenvolver habilidades empreendedoras é preciso trabalhar com todas as características - valores, conhecimentos e necessidades pessoais e sociais - simultaneamente.

Tabela 2.: Características do Empreendedor

Característica	Especificação
Necessidades	Aprovação, Independência, Desenvolvimento pessoal, Segurança, Auto-realização.
Conhecimento	Aspectos técnicos relacionados com o negócio, Experiência na área comercial, Escolaridade, Experiência em empresas, Formação complementar, Vivência com situações novas.
Habilidades	Identificação de novas oportunidades, Valoração de oportunidades e pensamento criativo, Comunicação persuasiva, Negociação Aquisição de informações, Resolução de problemas.
Valores	Existenciais, Estéticos, Intelectuais, Moriais, Religiosos.

Fonte: Empreender (1999)

2.4 A necessidade de novas habilidades no mercado de trabalho

Os avanços tecnológicos e o fenômeno da globalização fizeram com que muitas profissões deixassem de ser necessárias à sociedade. Como De Mori (1999) diz, “o homem está sendo substituído pelas máquinas, o emprego pelo trabalho e o salário pela remuneração.” As pessoas questionam-se então, sobre o que fazer quando uma determinada profissão simplesmente deixa de existir.

Apesar da palavra empreendedorismo existir há quatro séculos, são as atuais exigências que dimensionam o processo de forma a criar a necessidade das pessoas se tornarem empreendedoras para irem além do limite das suas profissões.

Se por um lado a rápida mudança na forma de trabalho causa espanto, por outro, gera novas alternativas. Essa situação, não exclusiva de nossa época, é expressa por Monteiro Lobato escritor brasileiro, comprometido com as mudanças de seu tempo e o desenvolvimento do homem já dizia:

“Cada vez que aparece alguma nova máquina, ou nova invenção - e progredir é isso, maquinar, inventar – criam-se condições de homens. Quando apareceu o automóvel, milhares de cocheiros foram deslocados das suas boleias, milhares de tratadores de cavalos foram para o olho da rua. Crise? Deslocamento apenas. A máquina nova não veio diminuir o trabalho, sim aumentá-lo, como os fatos o provam. Apenas criou o trabalho novo. Surgiu a tarefa nova de chauffeur e as dos reparadores de carros, lavadores, vendedores de gasolina e todo esse mundo da indústria automotora. E aqui temos o ponto. Os cocheiros e mais homens postos à margem pelo auto foram em número tremendamente inferior ao dos homens chamados a desempenhar as tarefas novas que o automobilismo criou.”(LOBATO, apud Machado, 1993)

Ao falar da nova lógica do trabalho Minerelli apud Machado,(1999) afirma: “A nova lógica do trabalho requer outra postura e uma nova educação, pois os trabalhadores ainda estão acostumados ao emprego convencional, no qual o

empregador garante o salário e demais benefícios garantidos pelas leis do trabalho.”

Tem-se, pois, como desafio acompanhar o ritmo das mudanças, adequando os comportamentos à realidade dando ênfase ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras, instrumentalizando o homem para lidar com as incertezas e as possibilidades deste mundo.

3 EDUCAÇÃO E ESCOLA

3.1 Noções gerais sobre educação

“A ação humana não é apenas biologicamente determinada, mas se dá principalmente pela incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e transmitidos de geração a geração; a transmissão dessas experiências e conhecimentos – através da educação e da cultura – permite, que no homem, a nova geração não volte ao ponto de partida da que a precedeu.” (Andery, et al., 1992, p.12).

A capacidade do homem de modificar e ser modificado é que produz história, as diferentes épocas com seus modos de organização social e de produção, particularidades e peculiaridades.

Para se alcançar a forma de produção do século XX, muitas experiências foram vividas, muito conhecimento foi produzido e transmitido. Para realizar esse processo e permitir às gerações utilizarem-se dos conhecimentos e experiências anteriores, sem precisar voltar ao ponto de partida, ocorre a intervenção da educação.

“A educação é uma forma de intervenção no mundo, mundo este onde o homem vive, age e convive em sociedade, não é um ser isolado, participa de um processo onde influencia e é influenciado pelo grupo, pela sociedade, pela cultura” (Freire,1998).

Essa prática não é restrita a uma área. Segundo Libâneo (1994), a educação:

“...corresponde a toda modalidade de influência e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, idéia, valores, modos

de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática.”

E ao referir-se ao funcionamento social diz:

“... é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades (...) Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade.”

Tratando-se de mudanças sociais, formas diferentes de organização e produção, comportamentos diferentes, necessidade de agir, de ser e de fazer, empreendedorismo, como outro conhecimento humano, implicam processos educacionais. No processo de produção de vida humana, a educação oferece condições de compreensão do meio, oferecendo instrumentos para a interferência e transformação tanto no aspecto social quanto individual.

3.2 A escola como veículo de educação

O significado de educação está relacionado a uma prática educativa, a uma ação que ocorre em diferentes lugares de diferentes formas. Ao nascer o ser humano inicia sua interação com a sociedade, relacionando-se com regras e valores. Nesse processo a família torna-se o primeiro núcleo de convivência da criança.

Ao lado da família encontram-se outras instituições sociais, que motivadas por interesses diversos, concorrem para o desenvolvimento de atitudes e disseminação de valores.

A escola, assim como a família, a religião, os meios de comunicação e outras instituições é um veículos para a prática educativa. A prática desenvolvida pela escola é chamada de prática escolar e é caracterizada como educação intencional ou formal.

“A prática escolar distingue-se de outras práticas educativas, com o as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nas demais formas de convívio social, por constituir-se uma ação

intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo.”
(Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p.45)

Para Libâneo (1994) a educação escolar: “(...) é um sistema de instrução e ensino com propósitos intencionais, práticas sistematizadas e alto grau de organização, ligado intimamente às demais práticas sociais.”.

Contudo, dentro do processo histórico, houve época em que a prática escolar não existia como hoje se conhece, uma ação intencional, sistemática, planejada e continuada. Na Idade Média, por exemplo, a educação era realizada por tutores.

Tiffin e Rajasingham apud Rodriguez (1998) demonstram a relação da educação ao seu tempo e ambiente (tabela 3)

Tabela 3: Educação vinculada ao tempo e ambiente

	Pré-industrial	Industrial	Informação
Linguagem	Latim e Grego	Línguas Nacionais	Inglês
Alunos	Jovens da elite	Jovens em geral	Todos
Idade dos alunos	6 a 20 anos	6 a 16 anos	Qualquer idade
Pagamento	Os pais	Impostos	Alunos
Instituição	Igreja	Estado	Corporações
Lugar	Lugares de conhecimento	Cidades	Qualquer lugar
Tempo	Combinado	Fixo	Qualquer tempo
Economia	Tradicionalismo	Taylorismo	Neo-liberalismo
Fonte do conteúdo	Professor	Estado	Necessidades do aluno

Fonte: Rodriguez (1998)

Com a mudança das necessidades sociais e econômicas as formas de educação passaram a ser desenvolvidas em sistemas educacionais, e com o tempo passaram a ser um direito de todos os indivíduos.

“Para responder às necessidades da sociedade e se adaptar as transformações que ocorrem no ambiente ao qual está inserida, as

instituições de ensino devem atender a um certo número de exigências que consiste em: preservar, adaptar e desenvolver seu capital de competências. As mudanças que transformaram nossa sociedade, rumo à era do conhecimento e da informação, requerem novos modos de organizar o trabalho e novos trabalhadores capazes de realizar novas tarefas.”(Ulbricht, 1999, p.270)

A função da escola hoje está vinculada, portanto, às necessidades de nossa época, como exposto na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, nº 9394/96, artigo 1º, parágrafo 2º: *“A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.”*

Essa vinculação ao mundo do trabalho e à prática social deve, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.42):

“...constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instancias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social.”

Como forma sistematizada de educação, a prática escolar possui suas ações fundamentadas em teorias pedagógicas, que de forma científica, explicam e instrumentalizam o processo. Pereira (1998) diz que, “para a produção do conhecimento podemos utilizar métodos ou abordagens diferentes, porém o objetivo ou a meta final será o mesmo indivíduo autônomo, presente nas ações/interações de nossa época.” Para uma maior clareza apresentaremos abaixo uma tabela com as principais escolas pedagógicas, apontadas por Rodrigues (1998):

Tabela 4: Escolas Pedagógicas

Modelo	Definição	Objetivo	Premissas	Instrutor/Prof.
Objetivismo	Aprendizado é a absorção não crítica do conhecimento	Transferência do conhecimento do professor para o aluno. Memorização do conhecimento	Professor detém todo o conhecimento. Estudantes aprendem melhor estudando de forma intensiva e isolada.	Controla o material e a velocidade de aprendizado. Provê estímulo.
Construtivismo	Aprendizado é o processo de construção de conhecimento por um indivíduo.	Formação de conceitos abstratos para representar a realidade. Dar significado a eventos e informações.	Indivíduos aprendem melhor quando descobrem sozinhos e quando controlam a velocidade do aprendizado.	Aprendizado centrado nas atividades dos alunos. Instrutor mais ajuda do que direciona.
Colaborativismo	Aprendizado emerge através de entendimento partilhado por mais de um aluno.	Promove habilidades grupais, comunicação, participação, capacidade de ouvir. Promove socialização.	Envolvimento é crítico no aprendizado. Alunos tem algum conhecimento anterior sobre o assunto.	Orientado para a comunicação. Instrutor atua como questionador e líder da discussão
Cognitivo	Aprendizado é o processamento e transferência de novos conhecimentos para a memória de longo termo.	Melhora as habilidades cognitivas dos estudantes. Melhora memorização e retenção do conhecimento.	Limitado pela atenção seletiva. Conhecimento anterior afeta nível de apoio necessário.	Estímulo pode afetar a atenção. Instrutor necessita retorno do aprendizado dos estudantes.
Socio-culturalismo	Aprendizado é subjetivo e individualista.	Delegação. Emancipação do aprendizado. Orientado para a ação, consciência social com a visão mais de mudar do que de aceitar ou entender a sociedade.	Informações distorcidas e formatadas em seus próprios termos. Aprendizado ocorre melhor em ambientes familiares ao aluno.	Instrutor é sempre considerado representante de uma cultura. A instrução é sempre no contexto social e cultural do grupo.

Diante das exigências para uma nova educação, Ulbricht (1999) afirma que, assim como qualquer outra empresa, a escola para vencer os contratempos precisa se adaptar, se desenvolver e inovar.

Na adaptação a escola deve adquirir os conhecimentos básicos e as técnicas próprias de sua atividade, que é ensinar ou ainda permitir que o aluno adquira conhecimentos; atualizar as competências e os conhecimentos; manter as competências gerais e detectar e prevenir as perdas de competências. Para adquirir os conhecimentos básicos e as técnicas próprias de sua atividade, é necessário: especificar suas atividades e os conhecimentos específicos que necessita para desenvolver estas atividades; difundir as informações; e formar seu corpo docente por meio de estágio, supervisão orientada do trabalho ou mesmo trabalho em grupo.

No desenvolvimento a escola, deve se adaptar às novas tecnologias que leva geralmente à mutação das tarefas, das habilidades e redefinição de novas competências. Para atingir o desenvolvimento, torna-se necessário que a escola esteja preocupada em: detectar os potenciais entre seu corpo docente valorizando as competências não utilizadas; gerar novas formas de enriquecimento profissional; detectar e supervisionar a superqualificação (a qualificação em excesso é também fonte de frustração gerando especialistas ineficazes) e estimular mantendo o gosto pelo desafio. Finalmente, para que a escola inove é necessário que antecipe novas competências.

A relação feita aqui entre escola e empresa, refere-se ao fato das duas serem um conjunto de pessoas que se reúnem com o objetivo de produzir bens e serviços; que harmoniza capital e trabalho e que está a serviço das pessoas e da comunidade.

Assim, como uma das instituições que fazem parte da sociedade, responsável pela prática educativa formal e a inserção de indivíduos em um mundo que passa a exigir um novo perfil de homem, a escola também precisa ultrapassar os seus próprios limites.

“É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e, ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.”(Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p.44)

A prática escolar acompanha a ação social e, apesar de não poder ser considerada a única forma de educação, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento individual e social. Por isso, a escola precisa estar sempre atenta e aberta às novas necessidades sociais: diante de tais necessidades parece ser de fundamental importância a interação entre escola e contexto social.

3.3 O Conhecimento como valor

Ao longo da história, a humanidade vem acumulando conhecimentos que, com os avanços da ciência multiplicaram-se em velocidade geométrica. Dessa forma, o conhecimento passou a ocupar uma nova posição no processo de produção, o capital intelectual transformou-se em matéria-prima chave para o desenvolvimento econômico mundial.

O conhecimento ao assumir o lugar de meio e fim do processo produtivo é abordado com o gerador de riquezas e qualidade de vida. Esse novo valor atribuído ao conhecimento acaba tendo que modificar, a prática educacional, visto que o saber escolar já não responde mais às necessidades sociais.

*“Saber apenas não basta, é preciso poder construir e fazer uso do conhecimento a partir e para as necessidades globais, regionais e individuais. O valor do conhecimento não está mais no tempo gasto para solucionar um problemas, mas na eficácia de sua resolução.”
(Stevesn, apud Bandler)*

Para que o conhecimento seja produzido como valor, é fundamental que a escola também passe a produzir conhecimento como processo e não como simples reprodução. Tal transformação de postura pode ser vista nas diferenças expressas na tabela 5:

Tabela 5: Estudo Comparativo dos Paradigmas de Ensino

ENSINO COMO REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	ENSINO COMO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
- enfoca o conhecimento "sem raízes" e o dá como pronto, acabado e inquestionável;	- enfoca o conhecimento a partir da localização histórica de sua produção e entende como provisório e relativo;
- valoriza o imobilismo e a disciplina intelectual tomada como reprodução das palavras, textos e experiências do professor e do livro;	- valoriza a ação reflexiva e a disciplina tomada como a capacidade de estudar, refletir e sistematizar conhecimento;
- privilegia a memória e a repetição do conhecimento socialmente acumulado;	- privilegia a intervenção no conhecimento socialmente acumulado;
- usa a síntese já elaborada para melhor passar informações aos estudantes, muitas vezes reproduzidas de outras fontes;	- estimula a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações, argumentos e idéias;
- valoriza a precisão, a segurança, a certeza e o não- questionamento;	-valoriza a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação e a incerteza, características básicas do sujeito cognoscente;
- premia o pensamento convergente, a resposta única e verdadeira e o sentimento de certeza;	- valoriza o pensamento divergente e/ou provoca incerteza e inquietação;
- concebe cada disciplina curricular como um espaço próprio de Domínio de conteúdo e em geral, dá a cada uma o status de mais significativa do currículo acadêmico;	- percebe o conhecimento de forma interdisciplinar, propondo pontes de relação entre eles e atribuindo significados próprios aos conteúdos, em função dos objetivos acadêmicos;
- valoriza a quantidade de espaços de aula que ocupa para poder "ter a matéria dada", em toda a sua extensão;	- valoriza a qualidade dos encontros com os alunos e deixa a estes tempo disponível para o estudo sistemático e investigação orientada;
- concebe a pesquisa como atividade exclusiva de iniciados, onde o aparaato	- concebe a pesquisa como atividade inerente ao ser humano, um modo de aprender o

metodológico e os instrumentos de certeza sobrepõe à capacidade intelectual de trabalhar com a dú-vida;	mundo, acessível a todos e qualquer nível de ensino, guardadas as devidas proporções;
- incompatibiliza o ensino com a pesquisa e com a extensão, dicio-tomizando o processo de aprender;	- entende a pesquisa como instrumento de ensino e a extensão como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade;
- requer um professor "erudito" que pensa deter com segurança os conteúdos de sua matéria de ensino;	- requer um professor inteligente e responsável, capaz de estimular a dú-vida e orientar o estudo para a emancipação;
- coloca o professor como a principal fonte de informação que, pela pala-vra, repassa ao aluno o estoque que acumulou.	- entende o professor como mediador entre o conhecimento, a cultura sistematizada e a condição de aprendizado do aluno.

Fonte: Maria Isabel da Cunha, apud Bolzan, 1998

II Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.

Estas características, apontadas por Bolzan (1998), no entanto, não existem “per si”. O valor do processo repousa não só no resultado que produz, mas também no professor “inteligente, responsável, mediador” que orienta o aluno para a emancipação.

3.4 Didática e método: Fundamentos e objetivos

A educação é um processo que faz parte da vida humana e de sua história. Ela não só contribui para a transformação humana e social, como também sofre mudanças. Nas sociedades primitivas, na Antigüidade Clássica e no período medieval a educação ocorria de forma mais informal e espontânea, apesar de haver uma ação pedagógica intencional.

Somente a partir do século XVII surge uma preocupação com a atividade de aprendizagem das crianças e jovens, e com as ações deliberadas e planejadas de ensino. É nesse período que a didática aparece como uma teoria direcionada ao estudo das ligações entre ensino e aprendizagem e as suas leis.

O termo foi consagrado por João Amós Comênio (1592-1670), ao escrever a primeira obra clássica sobre Didática, *Didáctica Magna*. Comênio

foi “o primeiro educador a formular a idéia da difusão das conhecimentos a todos e criar princípios e regras de ensino.” (Libâneo, 1994). Sua preocupação estava voltada para o desenvolvimento de métodos de instrução mais rápidos e eficientes, uma educação que fosse útil para todos.

Pereira (1991) ao falar sobre a nova educação apresentada por Comênio, diz: “Torna-se evidente questão as “regras da arte”, ou do trabalho, ou do que foi produzido pelo trabalho que fundamentam e exigem uma nova arte de ensinar.”

A origem da didática está relacionada com a necessidade de uma prática educacional nova, direcionada a formar homens com perfis diferentes dos homens medievais. Por isso, “entender, pois, o processo didático como totalidade abrangente implica em vincular conteúdos, ensino e aprendizagem a objetivos sócio-políticos e pedagógicos e analisar criteriosamente o conjunto de condições concretas que rodeiam cada situação didática” (Libâneo, 1994)

Para Comênio a tarefa principal da didática era estudar as características de idade e capacidades para o conhecimento, além dos métodos de ensino correspondentes. Em sua origem, denominada como a “arte de ensinar”, a didática estava relacionada ao jeito de ensinar, à intuição do professor.

Em 1926, segundo Nérice (1989), a palavra didática é empregada pela primeira vez por com sentido de ensinar. Em seu livro “Aphorismoa Didactici Precipui”, Ratke passa a pesquisar “como melhor ensinar”.

Para LIBÂNEO (1994), “Cabe à didática converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre o ensino e a aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos.”

A necessidade de Comênio de acompanhar as mudanças ocorridas em sua época e produzir uma educação inovadora, também é preocupação de um autor contemporâneo, Francis Bacon, considerado o pai do experimentalismo. Diz em sua obra, *Novum Organum*:

“Deve-se buscar não apenas uma quantidade muito maior de experimentos, como também de gênero diferente dos que até agora

nos têm ocupado. Mas é necessário, ainda introduzir-se um método completamente novo, uma ordem diferente e um novo processo, para continuar e promover a experiência. Pois a experiência vaga, deixada a si mesma, é um mero tato, e presta-se mais a confundir os homens que enfocá-los. Mas quando a experiência proceder de acordo com as leis seguras e de forma gradual e constante, poder-se-á esperar de melhor a ciência.”

Segundo Sanny (1994), a palavra método é originária do grego e significa: = meta(para) + odos (caminho). Por isso a importância de um método adequado em um processo educativo, pois: “O método se refere ao processo completo, compreendendo diversos momentos necessários à consecução de um fim.”

Bacon e Comênio vivendo um momento de profundas mudanças e comprometidos com elas, perceberam a importância do conhecimento em sua época. Enquanto Bacon questionava sobre as travas da escola medieval para os inovadores de sua época, propondo um novo método, Comênio encarregava-se de transformar a escola introduzindo uma didática nova, como comenta Pereira (1991).

Na prática educacional didática e método devem ser pensados de forma integrada, com os meios educacionais para acompanhar as mudanças e as exigências sociais. “O sistema educacional, responsável pela formação mais ampla do indivíduo precisa agilizar-se para avançar no ritmo das trocas tecnológicas que acontecem no sistema produtivo.” (Pereira, 1998)

Assim, quando se considera os elementos didáticos e metodológicos do processo de aprendizagem da nossa época, tem-se que considerar que esses elementos devem ser utilizados para proporcionar um aprendizado eficaz, sendo inovados e adequados à realidade social.

3.5 Procedimentos didáticos e metodológicos

Como processo que faz parte da vida humana, a educação se concretizada por meio do ensino e diz respeito a “toda e qualquer forma de

orientar a aprendizagem de outrem.” Ou ainda, em termos didáticos é “a ação de prover circunstâncias para que o educando aprenda (...)”(Nérici, 1989).

O ensino por si só não tem significado. Quem ensina, ensina a alguém e o seu significado se completa com a aprendizagem que “é a ação de se aprender algo, de “tornar posse” de algo ainda não incorporado ao comportamento do indivíduo.” (Nérici, 1989). Assim, em termos gerais a ação educativa apresenta dois pólos entre os sujeitos do processo: o ensino (diz respeito a quem está ensinando algo) e a aprendizagem (diz respeito a quem está aprendendo algo).

Não há uma barreira entre ensino e aprendizagem, ou seja, entre quem ensina e quem aprende. Embora, estejam separados de forma didática, para uma melhor compreensão, nesse processo quem ensina também aprende e quem aprende também ensina. É o que afirma Freire (1998) ao dizer que “... toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, em que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina...”.

É importante apontar e considerar os componentes da ação didática que interferem diretamente no resultado final da ação educacional desenvolvida, já que: “o objetivo do processo de ensino e de educação é que todas as crianças desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e criativo, tendo em vista tarefas teóricas e práticas, de modo que se preparem positivamente para a vida social”(Libâneo, 1994)

3.6 Objetivos da prática educativa

Não há prática educativa sem objetivos. São eles que revelam de forma explícita os propósitos definidos quanto ao desenvolvimento das habilidades humanas necessárias a todos os indivíduos para se capacitarem para enfrentarem as transformações sociais.

É preciso, então, encontrar respostas para questões como: Quais as habilidades a serem adquiridas pelos alunos no final do processo?

Ter definido os objetivos no início do processo diminui as chances do trabalho ficar concentrado nos conteúdos, prejudicando o sucesso final dos

resultados. Ao definir os objetivos é possível tornar-se mais claro avaliar os resultados da atividade de ensino e mais fácil escolher os procedimentos adequados.

Diante da importância dos objetivos na ação didática, Libâneo assinala algumas recomendações importantes na definição dos mesmos:

- Especificar conhecimentos, habilidades, capacidades que sejam fundamentais para serem assimiladas e aplicadas em situações futuras, na escola e na vida prática;
- Observar uma seqüência lógica, de forma que os conceitos e habilidades estejam inter-relacionados, possibilitando aos alunos uma compreensão de conjunto (isto é, formando uma rede de relações na sua cabeça);
- Expressar os objetivos com clareza, de modo que sejam compreensíveis aos alunos e permitam, assim, que estes introjetem os objetivos de ensino como objetivos seus;
- Dosar o grau de dificuldades, de modo que expressem desafios, problemas, questões estimulantes e também viáveis;
- Sempre que possível, formular os objetivos como resultados a atingir, facilitando o processo de avaliação diagnóstica e de controle;
- Como norma geral, indicar os resultados do trabalho dos alunos (o que devem compreender, saber, memorizar, fazer, etc.).

3.7 Conteúdos de ensino

Na ação didática existe uma estreita relação entre os objetivos propostos e os conteúdos, pois é a partir dos objetivos definidos que se fará a escolha dos conteúdos.

Hoje não é mais a quantidade de informações transmitidas que é importante e útil. Diante do acúmulo de informações disponibilizadas, principalmente pela Internet, é preciso que os alunos sejam capazes de selecionar as informações necessárias construindo um conhecimento eficaz.

Freqüentemente o que ocorre no processo de ensino é que o professor ainda associa o conteúdo à transmissão pura da matéria do livro didático e à quantidade de informação dadas em sala de aula, tornando com isso o ensino um processo mecânico e monótono.

De acordo com a concepção de Libâneo (1994) sobre os conteúdos do processo de ensino, no momento de escolha do conteúdo é preciso ampliar a visão e percebê-lo de forma sistêmica no processo.

“Conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida. Englobam, portanto: conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras; habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudo, de trabalho e de convivência social; valores, convicções, atitudes. São expressos nos programas oficiais, nos livros didáticos, nos planos de ensino e de aula, nas aulas, nas atitudes e convicções do professor, nos exercícios, nos métodos e formas de organização do ensino.”

Os conteúdos de ensino deverão, portanto, ser compostos por quatro elementos básicos que convergem para a formação das capacidades cognoscitivas:

- Conhecimentos sistematizados;
- Habilidades e hábitos;
- Atitudes e,
- Convicções.

Deverão ainda ser escolhidos a partir dos seguintes critérios:

- Ter os objetivos definidos;
- Não serem tomados como fins em si mesmos;
- Terem um caráter científico e sistemático, com relevância social;
- Serem organizados didaticamente, compatibilizado com o nível de preparo e desenvolvimento mental dos alunos.

3.8 Conceito de Metodologia

Didática e Metodologia têm em comum o estudo dos métodos de ensino. A diferença é que na Metodologia encontram-se uma classificação e descrição dos métodos com juízos da realidade, ou seja, juízos descritivos e constativos, enquanto que na Didática ocorre uma análise do método utilizado em função da realidade a ser aplicada.

Dessa forma, Didática e Metodologia encontram-se integradas no processo educativo, pois não se pode escolher o método de ensino mais adequado sem conhecimento dos métodos existentes.

Método significa caminho para atingir um objetivo, indicando as grandes linhas de ação, sem no entanto operacionalizá-las. A sua operacionalização é feita pelo uso de técnicas, como por exemplo, o método ativo que poderá utilizar diferentes técnicas de dinâmica de grupo para operacionalizá-lo. Já os procedimentos metodológicos referem-se à maneira de executar algo, à descrição das atividades desenvolvidas pelo professor e às atividades desenvolvidas pelos alunos, como explica Piletti (1987).

Considerando a seriedade e importância do método no processo de ensino Libâneo (1994) alerta:

“Os métodos de ensino, portanto, não se reduzem a quaisquer medidas, procedimentos e técnicas. Eles decorrem de uma concepção de sociedade, da natureza da atividade prática humana no mundo, do processo de conhecimento e, particularmente, da compreensão da prática educativa numa determinada época.”

A partir dessa concepção, os métodos são as próprias ações do professor, que organizam as atividades de ensino e aprendizagem, com o intuito de atingir os objetivos do trabalho em relação a um conteúdo. Eles direcionam as formas de interação no processo de ensino, visando à assimilação consciente e o desenvolvimento das habilidades cognitivas e operativas dos alunos.

Na escolha e organização dos métodos, é preciso levar em conta que:

- Não há um único método de ensino;

- A escolha do método depende dos conteúdos, das situações didáticas e das características sócio-culturais e desenvolvimento mental dos alunos;
- A escolha implica o conhecimento das características dos alunos tanto cognitivas quanto sócioeconômicas;
- Os métodos correspondem à sequência de atividades do professor e do aluno;
- Os métodos estão interligados com os objetivos e os conteúdos;
- Métodos e técnicas são meios para atingir objetivos e não fins em si mesmos.

3.9 A ação do professor

“(...) uma das qualidades mais importantes do professor seja a de saber lançar pontes (ligações) entre as tarefas escolares e as condições prévias dos alunos para enfrentá-las, pois é daí que surgem as forças impulsoras da aprendizagem. O envolvimento do aluno no estudo ativo depende de que o ensino seja organizado de tal forma que “as dificuldades” (na forma de perguntas, problemas, tarefas, etc.) tornem-se problemas subjetivos na mente do aluno, provoquem nele uma “tensão” e vontade de superá-las.” (Libâneo, 1994)

Como atividade intencional, o trabalho do professor deve ser planejado conscientemente visando atingir objetivos de aprendizagem, e levando em conta os seguintes elementos:

- Os movimentos (ou passos) do processo de ensino no decorrer de uma aula ou unidade didática;
- Os métodos;
- As formas e os procedimentos de ensino e aprendizagem;
- Os materiais didáticos e as técnicas de ensino;
- A organização da situação de ensino.

A ação do professor é estabelecida a partir da sua concepção pedagógica. Entre as concepções existentes pode-se citar:

- A tradicional: “Ensinar é transmitir conhecimentos”;
- A escolanovista: “Ensinar é criar condições de aprendizagem”;
- A tecnicista: “O ensino deve se inspirar nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade”;
- A etimológica: “Ensinar é colocar dentro, gravar no espírito.”

Libâneo (1994) recomenda ainda algumas questões que o professor deve levar em conta no processo de ensino:

- os conteúdos e problemas devem ser colocados aos alunos, de modo a se converterem em desafios a serem superados;
- o nível e o volume dos conhecimentos, atividades e exercícios devem estar de acordo com o nível e capacidade dos alunos;
- as dificuldades apresentadas aos alunos devem ser analisadas pelo professor e trabalhadas didaticamente, com a preocupação de atingir um resultado final;
- o conhecimento novo deve ser ligado com o já existente;
- deve haver constante avaliação do progresso alcançado;
- deve haver constante revisão e exercitação dos conhecimentos e habilidades.

3.10 Conhecimento dos alunos

“Para adequar os métodos didáticos é importante conhecer a clientela, as diferenças individuais, sua motivação, sua experiência, seu contexto social, psicomotor, sua faixa etária, dentre outros.”
(Nunes, 1999)

Num processo de ensino-aprendizagem é muito importante conhecer as características da clientela com quem se vai trabalhar. Segundo Libâneo (1994) é preciso que o professor conheça “as características sociais, culturais e individuais dos alunos, bem como o nível de preparo escolar em que se

encontram”, pois é a partir delas e com elas que o professor irá trocar seus objetivos e delimitar os conteúdos.

Um dos fundamentos do processo ensino/aprendizagem está nas características das fases do desenvolvimento do educando. Neste trabalho é apresentado o perfil clássico do público Infante/Juvenil (11 a 20 anos), segundo Piaget, Knobel, Erikson, Mussen, para possibilitar uma maior clareza posterior:

Tabela 6: Aspectos gerais do desenvolvimento infantil

Aspecto Cognitivo	Aspecto afetivo	Aspecto Físico	Aspecto social
Capacidade de elaborar hipóteses; Vive entre o real e o possível; Vive no presente, no ausente e no futuro; Capacidade de processar mais informações e mais complexas; Aumento de autoconsciência; Operações lógicas; Pensamento ainda egocêntrico; Análise de problemas	Busca de si mesmo e de identidade; Maior dependência de companheiro e de ajuste de grupo; Mudança no relacionamento com os pais; Identidade com ídolos, artistas, atletas e outros; Busca de identidade sexual; Mudança constante de humor.	Aceleração de peso e estatura; Diferença no crescimento nas diferentes partes do corpo, desajeitado; mudança hormonal; Meninos: A voz se torna mais grave; Crescimento dos pêlos pubianos; Aumento da produção espermática; Aumento da próstata; Produção de sêmen suficiente para fertilidade; Pico do vigor físico. Meninas: Crescimento do pêlo pubiano; Desenvolvimento das mamas; Aumento do útero e	Busca de identidade profissional; Questionamento de crenças sociais e políticas dos adultos; Busca de identidade ideológica; Desenvolvimento da autonomia; Reivindicação por liberdade.

		vagina, lábios e clitóris; Início da menstruação; Capacidade de conceber.	
--	--	---	--

3.11 Relacionamento entre professor-aluno

Uma das condições básicas para toda ação educativa é o relacionamento entre professor e aluno, que se constrói e reconstrói durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Há dois aspectos importantes a serem considerados na interação professor-aluno, o aspecto cognitivo, que diz respeito à comunicação dos conteúdos e das tarefas; e o aspecto emocional que dizem respeito aos vínculos emocionais.

Aspectos cognitivos:

- Saber manejar os recursos da linguagem;
- Ter claro o nível de conhecimento dos alunos;
- Ter um plano de aula com objetivos claros;
- Explicar aos alunos o objetivo do conteúdo.

Aspectos emocionais:

- Combinar autoridade e respeito;
- Manter uma comunicação clara com os alunos;
- Estabelecer normas;
- Orientar a atividade autônoma dos alunos.

3.12 Motivação

Em termos didáticos, motivação, “consiste em oferecer ao alunos estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem mais eficaz”(Piletti, 1987)

Esses estímulos e incentivos são oferecidos por meio dos recursos didáticos, dos procedimentos metodológicos, do conteúdo, das atividades práticas e exercícios e principalmente pela personalidade do professor.

Segundo Piletti (1987), há alguns aspectos importantes relativos à motivação:

- Se o professor não está motivado, não há condições de motivar os alunos;
- A falta de motivação para aprender pode ocorrer pela não satisfação de necessidades que antecedem a necessidade do conhecimento;
- Deve-se levar em conta os fatores que influem no comportamento humano: fatores psicológicos, sociológicos, econômicos, políticos, biológicos e antropológicos;
- Os fatores socioeconômicos condicionam a motivação, a criatividade e a própria aprendizagem;
- professor não pode considerar o problemas como sendo apenas um processo psicológico.

Bolzan (1998) mostra que os estudos contemporâneos acerca da motivação trazem ainda conceitos de educadores e psicólogos da década de 70, que de acordo com Carvalho (1972) chegaram às seguintes conclusões:

- a) Não há aprendizagem sem motivação (seja esta consciente ou inconsciente, intrínseca ou extrínseca);
- b) Deve haver uma relação positiva entre incentivos e motivos (motivos fortes x ambiente hostil, incentivos inoperantes x aprendiz com pouca motivação são realidades incompatíveis;
- c) Motivação e incentivo são importantes em todas as fases da aprendizagem;
- d) Incentivo positivo x incentivo negativo (elogios funcionam melhor que punição ou censura);

- e) A competição pode funcionar como elemento estimulador (a competição entre grupos é preferível à competição individual);
- f) O crescimento de incentivos deve aumentar proporcionalmente os motivos, no entanto é preciso ter cuidado para que os incentivos não ultrapassem o limite máximo da capacidade do sujeito;
- g) O êxito inicial numa tarefa pode funcionar como fonte de motivação;
- h) O insucesso inicial pode, em alguns casos, servir de estímulo para novas aprendizagens;
- i) Um esforço suspenso ou uma tarefa interrompida pode ser fonte de motivação;
- j) A motivação pode aumentar na medida em que o aluno sabe o objetivo de sua tarefa, bem como atribui valor a esse fim;
- k) Motivação em excesso pode levar o sujeito a realizar um trabalho abaixo do nível que costuma fazer.

3.13 Seleção de recursos

Os recursos no processo educativo são um acréscimo aos métodos pedagógicos. Componentes que favorecem a estimulação do aluno, assim como os demais componentes da ação didática, não é um meio em si mesmo. Utilizados de forma adequada colaboram para alcançar os objetivos propostos, enriquecendo o processo de ensino.

Partindo de uma visão ampla do processo de ensino, os recursos podem ser classificados em :

- Recursos visuais;
- Recursos auditivos;
- Recursos audiovisuais;
- Recursos humanos;
- Recursos materiais

O uso adequado dos recursos de ensino, segundo Piletti (1987), pode:

- Motivar e despertar o interesse dos alunos;

- Favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação;
- Aproximar o aluno da realidade;
- Visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem;
- Oferecer informações e dados;
- Permitir a fixação da aprendizagem;
- Ilustrar noções mais abstratas;
- Desenvolver a experimentação concreta.

3.14 Ensino Fundamental

O Ensino Fundamental compõe, juntamente com a Educação Infantil e o Ensino Médio, a Educação Básica como nomeia a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96. A Educação Básica tem por “finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (PCN, 1998)

Conforme expressa a LDB, o Ensino Fundamental no Brasil objetiva garantir a formação básica do indivíduo mediante:

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e tolerância recíproca em que se assenta a vida social.” (PCN, 1998)

Composto por quatro ciclos:

1º Ciclo – 1ª e 2ª séries

2º Ciclo – 3ª e 4ª séries

3º Ciclo - 5ª e 6ª séries

4º Ciclo – 7ª e 8ª séries

O Ensino Fundamental de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais deve proporcionar os meios necessários para que os alunos sejam capazes de:

- a) Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- b) Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- c) Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- d) Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- e) Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente,
- f) Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- g) Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;

- h) Utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contexto públicos e privados, atendendo às diferentes intenções e situações de comunicação;
- i) Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos pra adquirir e construir conhecimentos;
- j) Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

3.15 Empreendedorismo e educação

O empreendedorismo como processo que proporciona “o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos capazes de subsidiar atitudes que não só irão satisfazer às necessidades básicas mas, principalmente, à auto-realização do indivíduo.”, é hoje, um caminho que contribui na formação desse homem.

A escola espaço onde ocorre a prática educacional formal e intencional, como ambiente aberto para a construção e o exercício das aptidões cognitivas e atitudinais necessárias para a compreensão do conhecimento, torna-se uma fonte fundamental na disseminação do espírito empreendedor.

“Os caminhos para o futuro indicam, que expondo os alunos desde o ensino fundamental a experiências empreendedoras, em situações e ambientes propícios, desenvolve-se no ser humano um conjunto equilibrado de competências econômicas (forma material de sobrevivência) e competências sociais (forma qualitativa de vida), aumentando, conseqüentemente, as possibilidades de integração do país no mundo do conhecimento e do trabalho do século XXI.”
(Empreendedorismo na escola, 2000, p.4).

Assim, o empreendedorismo trabalhado no ambiente escolar contribui para o desenvolvimento de crianças e adolescentes capazes de pensar, de fazer e de criar com autonomia e flexibilidade, competências necessárias para que possam desbravar, compreender e fazer uso desse mar de conhecimentos existentes.

Para desenvolver o empreendedorismo na prática escolar é necessário, portanto, considerar os componentes didáticos e metodológicos que permeiam esse processo educacional. É também fundamental que haja um programa que una a base teórica e a vivência prática e que levem em conta as mudanças, para adaptar os procedimentos à realidade atual. Hoje os conhecimentos enciclopédicos já não são mais necessário, nem tampouco as técnicas e os processos mecânicos.

As habilidades cognitivas e as competências sociais é que devem ser desenvolvidas, preparando o indivíduo para a resolução de problemas e a elaboração de resultados. Nesse processo, a aprendizagem não pode se restringir às quatro paredes da sala de aula e à matéria do livro didático. O aluno passa a aprender pela práxis, pela interação com o meio.

O professor aqui adquire um novo papel, que é o de possibilitar condições de aprendizagem para a aquisição das novas habilidades e competências pelos alunos.

Preocupados com essas questões, muitos estudiosos e pesquisadores apontam para novas propostas educacionais, entre as quais o professor Luiz Pondré (1998), sugere o seguinte enfoque na educação empreendedora:

- Valorizar a sensibilidade intuitiva;
- Compreender os valores transmitidos;
- Reconhecer as metas diferentes dos indivíduos do grupo;
- Tomar decisões baseadas em julgamentos de confiança e na competência das pessoas;
- Buscar ajustar a prática aos princípios da sociedade;
- Desenvolver a solução mais apropriada sob pressão de tempo;
- Aprender fazendo e fora da sala de aula;

- Vislumbrar informações pessoalmente prospectada as de qualquer fonte, ponderando seu valor;
- Avaliar o julgamento de pessoas e eventos via “retrocomunicação direta”;
- Possibilita sucesso no aprendizado medido ao resolver problemas e na experiência do fracasso.

Allan Gibb apud Pondré (1998) também sugere uma nova práxis, pedagógica:

- a) Aprender fazendo;
- b) Encontrar e explorar conceitos mais amplos, relacionando-os com um problema a partir de um ponto de vista multidisciplinar;
- c) “Ler” o ambiente em sua volta, pensar por ele mesmo, ficando mais independente de fontes externas de informação inclusive do professor;
- d) Usar a própria sensibilidade, atitudes e valores desconectados das informações preestruturadas, o que significará maior aprendizado com base nas experiências;
- e) Propiciar mais oportunidades para a montagem de redes de contatos ou parceiros no mundo prático e real;
- f) Desenvolver respostas quando defrontado com situações conflitivas encorajando-os a decidir e comprometer-se com as ações a serem executadas sob condições de estresse e incertezas.

A necessidade de uma nova prática educativa também é apontada na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que indica os quatro pilares da educação ao longo da vida;

- a) Aprender a conhecer: pressupõe saber selecionar, acessar e integrar os elementos de uma cultura geral, suficientemente extensa e básica, com o trabalho de alguns assuntos, com espírito investigador e visão crítica, em resumo, significa ser capaz de aprender ao longo da vida;
- b) Aprender a fazer: pressupõe desenvolver a competência do saber se relacionar em grupo, saber resolver problemas e adquirir uma qualificação profissional;

- c) Aprender a viver com os outros: Consiste em desenvolver a compreensão das interdependências, na realização de projetos comuns, preparando-se para gerir conflitos, fortalecendo sua identidade e respeitando a dos outros, respeitando valores de pluralismo, de compreensão mútua e de busca de paz;
- d) Aprender a ser: “para melhor desenvolver e poder agir com autonomia, expressando opiniões e assumindo as responsabilidades pessoais”

4 METODOLOGIA DOS SETE PASSOS

4.1 Considerações iniciais

A disseminação do empreendedorismo na educação, com o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes requer a utilização de procedimentos metodológicos adequados, conduzindo os alunos a “aprender empreendendo”.

Os procedimentos metodológicos propostos são sintetizados em sete passos que convergem para um caminho: o do desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes, por meio do planejamento, organização e execução de um evento festivo. Os passos utilizados são:

1º Passo: Idéia Inicial

2º Passo: Validação da Idéia

3º Passo: Como Fazer

4º Passo: Parceria

5º Passo: Execução

6º Passo: Avaliação

7º Passo: Recomeçar

No primeiro passo, os problemas da comunidade escolar são transformados em oportunidades e desafios estimulantes para **atitudes criativas e inovadoras**. É o momento da **idéia Inicial** em que tudo é possível e deve ser aceito pelo grupo. No segundo passo, inicia-se o processo de filtro em que ocorre a **Validação de Idéias**, de acordo com o mercado-alvo selecionado para pesquisa. Nesse caso o ambiente para o desenvolvimento de habilidades favorece principalmente a **atitude de busca de informação**. Prontos para o próximo e terceiro passo, o grupo desenvolve alternativas para a realização do processo produtivo. O sonho e as idéias tornam-se possíveis com ênfase na

habilidade de discriminação de informações para o planejamento do **Como fazer**. O grupo vai para o próximo e quarto passo, concretizando suas idéias por meio de **Parcerias** em que a exigência para o sucesso é proporcional ao desenvolvimento da **habilidade de negociar**. A partir daí (quinto passo) o grupo deve estar preparado para executar o empreendimento. A execução exige entre outras a **habilidade de negociar**, pois é no acontecer que as decisões e avaliações devem ser rápidas e coerentes. Embora a **avaliação** conste como sexto passo do procedimento metodológico junto com as habilidade de **organização das informações** coletadas a partir do resultado final, é importante ressaltar que na seqüência lógica dos passos e na didática da aplicação os procedimentos são organizados de maneira a enfatizar a dialética da ação e/ou representação da realidade. Por isso, o sétimo passo, o **Recomeçar** indica que o processo é interminável, ou que o final de um empreendimento caracteriza-se pela **percepção de oportunidades** de novos desafios. Esses devem ser os indicadores de que a sobrevivência do projeto inicial precisará de adequações constantes. O início de outros projetos dependerá das oportunidades identificadas e das novas idéias que surgirão enriquecidas pela experiência adquirida.

Diante das informações gerais, será agora realizada uma descrição das técnicas e estratégias utilizadas em cada passo. Essa descrição demonstrará a flexibilidade dos procedimentos propostos, em permanecendo o objetivo de desenvolver habilidades empreendedoras, se adapta ao empreendimento escolhido.

4.2 Preparação para os sete passos

4.2.1 Considerações iniciais

Ao desenvolver um trabalho é preciso obter informações sobre o público e o local. É preciso saber quem são os alunos com quem se vai trabalhar, a faixa etária, as expectativas, as necessidades do público, a situação econômica

e cultural. As informações coletadas serão uma referência para a adequação da metodologia.

Esta avaliação inicial, denominada de Avaliação Diagnóstica, fornece informações básicas para começar o trabalho, aproximando a ação a ser realizada da realidade e das necessidades dos alunos.

Também durante o processo é fundamental obter um *feedback* por meio da realização de avaliações constantes, chamadas formativas, de todos os encontros.

4.2.2 Avaliação diagnóstica do local

Sobre o local onde vai se desenvolver um trabalho é importante saber quais os recursos materiais e humanos disponíveis; a localização geográfica para possíveis pesquisas de campo; a organização e o funcionamento, tais como horários e pessoas responsáveis para negociação e planejamento de uso.

Essas informações são importantes na antecipação e no planejamento do trabalho, indicando o que há de disponível e o que precisa ser adquirido ou providenciado.

Na avaliação diagnóstica do local são utilizados alguns instrumentos como pesquisas, entrevistas, contatos com pessoas responsáveis pela organização e manutenção, etc. É importante também verificar a localização geográfica, para explorar o ambiente de forma eficiente e eficaz.

4.2.3 Avaliação diagnóstica do público específico

Uma das principais questões de um trabalho é saber as características do público alvo, suas expectativas e anseios. A avaliação diagnóstica do público específico, aquele com quem se terá contato direto, pode ser realizada por meio de entrevistas e pesquisas.

A avaliação diagnóstica do público na preparação para o desenvolvimento dos procedimentos metodológico objetiva definir o grupo do projeto, os nomes, a faixa etária.

4.2.4 Avaliação Formativa

A execução de um trabalho é permeada por situações não-planejadas. Isso requer uma postura flexível e organizada. Ordenar e aproveitar os “imprevistos” é realizar uma avaliação constante dos alunos, chamada de “Formativa”.

Por meio da Avaliação Formativa são obtidos informações sobre as compreensões e as dúvidas dos alunos. Essas informações orientam o ritmo do trabalho e possibilitam tornar o processo mais dinâmico e inovador.

Diante da importância de obter um *feedback* constante dos alunos, foi criado um modelo de avaliação formativa (constante), utilizada no final de cada encontro. Este instrumento é utilizado em todos os passos metodológicos.

Hoje.....
Eu aprendi que

Eu não entendi que

Figura 1: Avaliação Constante

4.3 Passo 1: Idéia Inicial

4.3.1 Objetivo

No primeiro passo metodológico o objetivo é desenvolver e explorar a criatividade do aluno, gerando idéias para um evento festivo.

4.3.2 Metodologias e Recursos

Para desenvolver a criatividade devem ser utilizados recursos geradores de um ambiente que incentive os alunos a espontaneidade, exteriorizando seus sonhos e desejos. É um momento em que tudo é possível, não existindo limites e barreiras para as idéias criadas.

Dentre os recursos que podem ser utilizados:

- Dinâmicas de apresentação e integração;
- Técnicas que motivem os alunos a gerarem uma tempestade de idéias (*Brainstorming*);
- Situações lúdicas de idéias absurdas;
- Escolha de um símbolo mascote que represente o trabalho a ser desenvolvido;

4.3.3 Habilidades

No passo da *Idéia Inicial* várias são as habilidades desenvolvidas, mas o foco principal está na habilidade de criar. Esse é um dos momentos em que o nível motivacional dos alunos está em alta.

4.3.4 Resultados

Os resultados principais desse passo deve ser a identificação das características individuais e a formação de grupos com preferências afins, a escolha de um símbolo mascote e o desenvolvimento das idéias com os alunos sobre o evento.

4.3.4.1 Integração das expectativas e conceitos do grupo

Definido o grupo específico, os nomes e a faixa etária é preciso buscar mais informações, cada elemento do grupo possui expectativas e pontos de vistas diferentes, por isso é pertinente ao iniciar o primeiro passo checar as expectativas e os conceitos de cada aluno.

Para tanto, pode-se realizar rápidas dinâmicas que estimulem cada elemento a expor suas opiniões. Essas referências devem ser exploradas, demonstrando aos alunos que em um grupo cada elemento tem histórias e pensamentos diferentes, cada um realiza e aproveita de forma pessoal o trabalho. O importante é construir um objetivo comum, esclarecendo o papel e a importância de cada elemento no grupo para o sucesso do evento.

4.3.4.2 As características dos componentes do grupo

De posse das informações gerais sobre o grupo é preciso saber quais as características dos componentes, o que cada um mais gosta de fazer. Além de dinâmicas de apresentação, pode-se utilizar uma ficha com indicações sobre coisas que agradam e desagradam os alunos. Essas informações a respeito das características e preferências pessoais contribuem para a formação futura de grupos de trabalhos, proporcionando a participação de todos os alunos, de modo que ninguém fique fora do processo.

A realização processual deve estar centrada em uma ação de grupo. As diferenças são identificadas, aproveitadas e adequadas às diferentes atividades. Resgatando os objetivos pessoais e identificando os objetivos comuns do grupo, defini-se aquilo que o grupo deseja realizar.

Segundo Peter Senge (1999), para transformar os objetivos em realidade é preciso que as pessoas compartilhem e acreditem que são capazes de construir o seu próprio futuro. Por isso, a importância de identificar e aproveitar os aspectos positivos de cada aluno.

De acordo com a *Teoria das Inteligências Múltiplas*, de Gardner (1995), foi desenvolvido uma ficha de avaliação diagnóstica dos alunos podendo ser modificada e adequada. O objetivo da referida ficha é formar grupos com interesses afins. O modelo da avaliação encontra-se no anexo 1.

4.3.4.3 *Símbolo da Festa*

A ampliação da percepção acompanha todos os passos , sendo uma condição para a mudança de comportamento, o que marca o diferencial metodológico do Programa. Direcionado para modificação de atitudes considera a influência dos símbolos tanto no desenvolvimento pessoal como social da humanidade.

Por isso, foi desenvolvido um instrumento psicopedagógico, um símbolo-mascote para uma nova aplicação metodológica de desenvolvimento e disseminação do espírito empreendedor. Diante dessas questões, nasceu o Etene, o símbolo-mascote do Programa de Empreendedorismo em Educação.

O Etene é um extra-terrestre aprendiz do jeito de ser humano, que não tem a intenção de julgar os comportamentos, hábitos, culturas dos terráqueos. Seu interesse está em aprender, por isso observa e imita as ações humanas.

Associar o Etene às habilidades tem como objetivo focar exatamente a ação humana escondida do próprio olhar do indivíduo. Como imitador das ações humanas, livre da interpretação valorativa, torna-se um instrumento eficaz para ativar o comportamento refletido a partir da contradição e, por isso, mais livre para criar soluções em situações de desafio.

O símbolo mascote deve ser contextualizado com o objetivo do trabalho a ser realizado e explorado em todo o processo, de maneira que o Etene torne-se um personagem, no anexo 2 figura do mascote Etene. A imitação de um personagem, a livre escolha do símbolo permite ao grupo específico uma organização que possibilita observações mais objetivas, menos resistentes e mais bem humoradas de um comportamento modificado.

O mascote do trabalho estará presente em todos os momentos, em desenhos, cartazes, mural de divulgação do trabalho, etc.

4.4 Passo 2 Validação da Idéia no Mercado

4.4.1 Objetivo

O objetivo principal do segundo passo da metodologia é desenvolver nos alunos a habilidade de procurar informações, conferindo as possibilidades de concretizar as idéias geradas no grupo.

4.4.2 Metodologias e Recursos

Esse é o momento de verificar o que é preciso para tornar as idéias em algo real. Nesse momento, pode ocorrer uma pequena queda na motivação, por isso é importante ter uma postura persistente diante das informações obtidas, pois muitas delas poderão gerar uma sensação de desânimo.

A essência desse passo está em conduzir os alunos a uma atitude ativa e investigadora, despertando o “detetive” que está dentro de cada um. Os recursos utilizados na *Validação da idéia* devem despertar nos alunos uma percepção mais aguçada, e a atenção a todo tipo de observação e de perguntas, descobrindo alternativas de transformar suas idéias em um empreendimento viável.

Os recursos que podem ser utilizados para gerar um ambiente propício ao desenvolvimento da habilidade de procurar informações são:

- Dinâmicas que despertem a observação de detalhes;
- Pesquisas de campo;
- Pesquisa de preços, de produtos/serviços existentes na comunidade;
- Pesquisas com profissionais que desenvolvem trabalhos similares;
- Filmagem das pesquisas realizadas;
- Organização e análises das informações obtidas em fichários e arquivos;
- Registro fotográfico das atividades.

4.4.3 Habilidades

A habilidade principal do segundo passo é de procura de informações.

4.4.4 Resultados

Os resultados do segundo passo devem contemplar a ampliação da percepção dos alunos em constatarem as possibilidades de concretização das suas idéias, a partir das informações obtidas, desenvolvendo atitudes de persistência. Ao validar as idéias, os problemas não devem ser encarados como empecilhos para a ação, ao contrário, devem ser vistos como desafios a serem superados. Deve-se registrar todas as informações tanto positivas como negativas.

4.5 Passo 3: Como Fazer

4.5.1 Objetivo

O objetivo deste passo é desenvolver nos alunos as habilidades de fixar metas e planejar para a concretização da idéia.

4.5.2 Metodologias e Recursos

No *Como Fazer* serão realizados procedimentos necessários para a execução da idéia. Nesse momento é identificado e discriminado vários desafios que impulsionarão os alunos a encontrarem soluções. Apesar das parcerias serem o foco do próximo passo, algumas poderão ser feitas nesse momento, de acordo com as informações discriminadas.

A partir desse momento a motivação começará a subir novamente, é o momento de buscar formas de realização, deve-se, então, utilizar recursos que conduzam os alunos a aprender ordenar e classificar as informações, relacionar e comparar com o que já existe e com o que pode ser inovado, identificar o mercado, os clientes e novas alternativas de resolução.

Alguns dos recursos pertinentes nesse passo são:

- Linguagens artísticas: dança, música, encenações, pintura, etc;
- Concursos que estimulem a participação dos alunos;

- Divulgação do trabalho realizado por meio de cartazes, de recados em salas, na hora do recreio com microfone, fantoches, encenações, etc,
- Espaço para divulgação;
- Visitas em instituições, ambientes que contribuam e estimulem a concretização do trabalho;
- Formação de equipes de trabalhos, criando comissões com formas criativas de representação: pastas, cores, símbolos, etc.;
- Levantamento de preços e definição do público a participar;
- Gerenciamento do processo.

4.5.3 Habilidades

A principal habilidade deste passo a ser desenvolvida é discriminar informações.

4.5.4 Resultados

Os resultados desse momento devem estar relacionados ao planejamento e definição de formas de executar a idéia. Nessa fase a idéia inicial deverá ter sofrido algumas modificações, conforme as possibilidades de realização, contudo, uma idéia não deve ser abandonada ou esquecida, as adequações são importantes para concretizar os pensamentos.

4.6 Passo 4: Parceria

4.6.1 Objetivo

O objetivo principal do quarto passo está em desenvolver nos alunos uma atitude de negociação.

4.6.2 Metodologia e Recursos

Uma questão fundamental é a formação de redes de contatos. É necessário desenvolver nos alunos novas atitudes, utilizando recursos que

despertem a percepção de que o sucesso de um trabalho está relacionado com a participação de vários grupos.

A atitude de “pedinte” de coisas e de favores deve ser modificada para uma atitude de negociação, o aluno deve aprender a encontrar e oferecer trocas de benefícios, nesse processo de negociação os interesses individuais convergem para a realização de um objetivo comum. Nesse momento será identificado os possíveis parceiros e os contatos de negociação, com apresentação de propostas para o estabelecimento das parcerias, de forma que todos ganhem.

Existem alguns recursos que auxiliam no desenvolvimento da habilidade de negociar:

- Técnicas psicodramáticas;
- Dinâmicas que estimulem a comunicação;
- Situações problemas com imprevistos para resolver;
- Filmagem dos alunos simulando os contatos de negociação;
- Confecção de fichas para cadastro dos parceiros;
- Planejamento das propostas.

4.6.3 Habilidades

A habilidade foco desse passo é a negociação.

4.6.4 Resultados

A quarto passo deve ter como resultados a formação de parcerias com a comunidade interna e externa da escola.

4.7 Passo 5: Execução

4.7.1 Objetivo

O objetivo do passo da execução é que os alunos estejam preparados para resolver problemas com delimitação de tempo.

4.7.2 Metodologias e Recursos

Esse é o passo da execução da idéia, é o momento que o “sonho” torna-se realidade, é a hora em que o produto/serviço é colocado no mercado. Nesse momento, é preciso um perfil flexível para resolver os problemas que surgem fora do planejado. Os envolvidos na execução da idéia devem estar preparados para decidir rapidamente, antecipar algumas resoluções, não esperar que o problema surja, delegar tarefas para que o processo não seja prejudicado e agir sem esperar somente pelo outro.

Para o sucesso da execução é necessário a utilização de alguns recursos:

- Distribuição de tarefas entre os grupos de trabalhos;
- Avaliação do nível de satisfação do cliente;
- Controle do produto/ serviço: estoque, saída;
- Filmagem do evento;
- Registros fotográficos;
- Entrevistas com o público;
- Identificação dos elementos dos grupos;
- Sinalização do local, com informações claras ao cliente;
- Controle de qualidade do produto/serviço.

4.7.3 Resultados

O resultado deste passo é a própria execução do evento, com comportamentos eficientes e eficazes para atingir o objetivo proposto, além do comportamento adequado os resultados materiais também são indicativos dos resultados alcançados.

4.8 Passo 6: Avaliação

4.8.1 Objetivo

O objetivo principal da avaliação é organizar as informações sobre o evento realizado.

4.8.2 Metodologia e Recursos

Todo processo de produção, seja qual for o trabalho, passa por processos de avaliações. Apesar do quinto passo metodológico ser definido como *Avaliação*, em todos os passos existem formas de avaliações.

A avaliação nesse momento refere-se à análise geral da execução do trabalho, identificando os pontos positivos e negativos, tanto processual como comportamental. Essa identificação não finaliza o processo é um instrumento gerador de novas idéias para a continuação do trabalho.

Existem alguns recursos que auxiliam na avaliação do processo:

- *Feedback* de parceiros e clientes,
- Fichas de avaliação da satisfação dos clientes;
- Relatório final;
- Gráfico dos lucros e prejuízos;
- Análise de desempenho do grupo;
- Mudança de estratégias em relação ao objetivo inicial;
- Avaliação quantitativa;
- Avaliação qualitativa.

4.8.3 Habilidades

A habilidade que se destaca neste passo é a de organizar informações.

4.8.4 Resultados

Os resultados obtidos neste passo são as análises realizadas do processo de execução em diferentes aspectos: comportamental, pedagógico, financeiro e prático.

4.8.4.1 Avaliação Somativa com os alunos

No final do processo é importante realizar uma avaliação somativa (final) com os alunos. O objetivo não é atribuir uma nota ou conceito, mas conduzir os alunos a uma reflexão do processo e do comportamento pessoal, identificando

o que aprenderam durante o trabalho. Essa avaliação pode ser feita por meio de relatório e relatos.

4.9 Passo 7: Recomeçar

4.9.1 Objetivo

O objetivo deste passo é sensibilizar os alunos para perceberem novas oportunidades.

4.9.2 Metodologia e Recursos

Muitos trabalhos se perdem por não conseguirem dar continuidade ao que foi planejado e executado, por isso o sétimo passo é fundamental, exigindo atitudes de persistência ao replanejar e reorganizar as idéias de forma inovadora.

Recursos utilizados:

- Correções dos pontos negativos obtidos na avaliação;
- Revelação de novos talentos;
- Comemoração do sucesso;
- Divulgação dos resultados positivos;
- Identificação de novas propostas de trabalhos.

4.9.3 Habilidades

A habilidade principal desenvolvida nesse passo é perceber oportunidades.

4.9.4 Resultados

Os resultados deste passo são as novas idéias que dão origem à continuação de trabalhos.

5 APLICAÇÃO



Fotografia 1: Alunos e pesquisadores do Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor

5.1 Considerações iniciais

A aplicação da metodologia foi realizada por meio do Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor (fotografia 1), desenvolvido em uma escola pública de Florianópolis, entre maio e julho de 1999.

O planejamento inicial do Projeto Piloto com alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública, foi direcionado para atender às necessidades encontradas no ambiente escolar. Primeiramente foi definido o local de aplicação: Escola Básica Hilda Theodoro Vieira, de Florianópolis. Em seguida iniciou-se um processo de avaliação das características e necessidades da clientela. Essa avaliação diagnóstica, trouxe como uma das

informações a necessidade dos alunos das 8^{as} séries em arrecadar dinheiro para a formatura.

Essas informações redirecionaram o objeto inicial de trabalho que eram alunos de 1^a à 8^a séries. Respeitando o objetivo principal do Projeto, a necessidade dessas turmas e o desejo da direção/supervisão da escola, o público específico passou a ser os alunos do último ciclo do ensino fundamental as 8^{as} séries.

Neste capítulo é relatada a forma como foram aplicados na prática os procedimentos anteriormente apresentados.

5.2 Preparação para os sete passos

5.2.1 Considerações iniciais

Antes de iniciar o trabalho com os alunos foi fundamental realizar uma avaliação diagnóstica, colhendo informações sobre as características do local e da clientela. Assim, definido o objeto de trabalho, o primeiro passo foi obter tais informações.

5.2.2 Avaliação diagnóstica do local

O desenvolvimento do Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor ocorreu na Escola Básica Hilda Theodoro Vieira, em Florianópolis, situada no bairro da Trindade. A escolha do local obedeceu aos seguintes critérios:

A escola desenvolvia projetos diferenciados e direcionados à integração dos alunos na realidade social: Projeto Identidade com crianças de 1^a à 4^a série; Festa da Família realizada uma vez por ano, reunindo alunos e responsáveis desmistificando a idéia de uma família ideal; e Projeto Horta Medicinal.

Desejo por parte da diretoria/supervisão de projeto direcionado aos alunos de 5^a à 8^a série. O perfil dos alunos é representativo da realidade de muitas escolas públicas.

Após a definição do local, seguiu avaliação diagnóstica por meio do acesso a documentos escolares, pesquisas escritas e contatos diretos com direção, supervisão e docentes.

5.2.2.1 Caracterização da Escola

Nome: Escola Básica Hilda Theodoro Vieira

Endereço: Rua Lauro Linhares, 560

Categoria: Estadual

Clientela: Alunos de 1ª a 8ª série

Turno: Matutino/ vespertino/ noturno

Total alunos: 850

Projetos e atividades internas: Projeto Identidade (1ª a 4ª série), Horta Medicinal e Festa da Família

Necessidade: Projetos direcionados aos alunos de 5ª a 8ª série

Dos documentos da escola consta como objetivo geral da escola:

“Oferecer condições ao educando para que ele possa desenvolver senso de observação, criatividade, responsabilidade e formas de expressão, tornando-se participativo, crítico e um agente transformador da sociedade”.

Como objetivos específicos da escola, os referidos documentos ressaltam:

” Conscientizar e compromissar o educando diante de seu mundo, mais especificamente sua escola, possibilitando-lhe a escolha e criação de novos valores, conhecimentos, caminhos e decisões”.

Finalmente, é apresentada como Missão da escola:

“Garantir aos alunos, dentro de suas necessidades específicas e peculiares, a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de atitudes e habilidades que lhes dêem condições para o exercício pleno da cidadania, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária”.

Os recursos humanos disponíveis na Escola Básica Hilda Theodoro contemplam: professores, pedagogos, estagiários, secretária, vigia, merendeiras, serventes.

Os recursos materiais disponíveis na escola são: sala de vídeo, laboratório móvel, máquina xerox, mimeógrafo, 1 computador e uma biblioteca.

Da avaliação geral do processo de ensino da escola, com base no ano de 1997 (842 alunos) os percentagens da mobilidade dos alunos (geral) é de:

57,2% aprovados,
16,9% reprovados,
18,5% desistentes,
6,7% transferidos.

5.2.3 Avaliação diagnóstica do público específico

5.2.3.1 *Considerações Iniciais*

Com a avaliação diagnóstica do local, foi identificada a necessidade dos alunos da 8ª série em desenvolver um evento para arrecadar fundos para a formatura. A partir dessa constatação o público específico (tabela 7) foi direcionado para essas séries. Foi definido trabalhar com um grupo de vinte alunos das 8^{as} séries vespertina e noturna. A participação foi espontânea formando um grupo de 19 alunos que participaram do processo passo a passo, estabelecendo uma integração com as demais séries. Definido, então o grupo específico, realizou-se um levantamento dos aspectos sociais e econômicos do grupo, o resultado desse levantamento encontra-se no anexo 3.

5.2.3.2 *Definição do Público*

Público intermediário:

Alunos de 1ª a 4ª série

Público Geral:

Alunos de 5ª a 8ª séries

Público Específico:

Alunos das 8ª séries (denominado grupo organizador)

Grupo de voluntários:

19 alunos (vespertino e noturno)

Tabela 7: Relação dos nomes do público específico

Nome	Idade
Adenilson de Oliveira	21
Adriano	18
Ana Paula C. Nascimento	13
Carlos h. G. Webber	17
Damaris Zazeski	19
Daniela Alfa	15
Diego Alexandre	16
Douglas C. Gonzaga	23
Graziele C. Coelho	15
Jonathan de Andrade S.	15
Leonardo A. Faria	15
Lídia J. Gomes	18
Marcela R. Alfa	16
Michele da Cruz	16
Ozana da Silva	16
Roberta C. da Silva	17
Rodrigo de J. Ribeiro	15
Sandra R. De Oliveira	19
Thomas	14

5.2.4 Avaliação Formativa

A Avaliação Formativa, conforme especificado na metodologia, foi muito importante para o sucesso do Projeto. Por meio das informações obtidas em cada encontro, as dúvidas e a compreensão dos alunos sobre os assuntos discutidos permitiram intensificar o foco de trabalho.

Para esse tipo de avaliação foi desenvolvido uma ficha entregue ao final de cada encontro que proporcionava, também, um momento de reflexão para os próprios alunos. As dúvidas eram retomadas no encontro seguinte. O modelo da avaliação formativa desenvolvida é apresentado na figura 2:

Projeto Piloto Jeca tatu Empreendedor	
Hoje.....	
Eu aprendi que	
Eu não entendi que	

Figura 2: Relação dos nomes do público específico

5.3 Passo 1: Idéia Inicial

5.3.1 Atividades desenvolvidas

- Dinâmica de Grupo: “Nave Espacial”;
- Distribuição de fichas para identificação de Habilidades;
- Formação de grupos por habilidades afins;
- Levantamento de hipóteses: atividades que poderiam ser realizadas;
- Registros das idéias geradas nos grupos;
- Discussão sobre as atividades a serem realizadas na festa;

5.3.2 Resultados

5.3.2.1 *Integração das expectativas e conceito do grupo*

Definido o grupo específico foi preciso saber quais eram as expectativas e as necessidades do grupo para a arrecadação de fundos para a formatura.

Principais focos de desafios:

- Rivalidade entre alunos das 8^{as} séries;
- Violência;
- Dois anos sem festa aberta à comunidade;
- Direitos Autorais;
- Caráter tradicional do pedido de prendas;
- Inexperiência em organização de festa .

Além dessa avaliação foi necessário obter informações sobre o conceito dos alunos a respeito do tema “festa”. Essa pesquisa foi realizada com alguns alunos do grupo, que já haviam participado da Festa da Família alguns dias antes. O modelo do roteiro de pesquisa utilizado encontra-se no anexo 4.

As informações obtidas nessa pesquisa foram importantes para o início do trabalho, pois era preciso que o grupo percebesse que a festa deveria estar de acordo com o gosto do cliente e não com o gosto pessoal de cada um, ou seja, o olhar deveria estar voltado para o evento e para o cliente.

5.3.2.2 *As características dos componentes do grupo*

Considerando o objetivo do Projeto Piloto que é o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, foi colhido no primeiro encontro com o grupo organizador, informações sobre as características individuais e a situação social de cada aluno.

Com base na Teorias das Inteligências Múltiplas, foi criada uma ficha de informações, onde cada aluno além de escrever dados básicos, tinha que assinar aquilo que “mais gostava” de fazer. Essas informações foram a base para a formação de grupos de talentos internos.

O objetivo dos grupos de talentos era mostrar que todos poderiam desenvolver alguma atividade, aproveitando e melhorando as habilidades pessoais, além de desenvolver outras que fossem necessárias.

A partir dessa avaliação foi obtida uma tabela com as preferências gerais (tabela 8):

Tabela 8: Preferências dos Elementos do Grupo

Alunos	Gosta mais	Gosta mais	Gosta mais/menos
Adenilson	Números, dançar	Meditar	
Adriano	Ler, estar c/ pessoas, dançar		Pintar, números
Ana Paula	Pintar, ler, estar c/ pessoas, dançar		
Carlos	Pintar, estar c/ pessoas, dançar	Ler	
Damaris	Dançar	Meditar, estar c/ pessoas	
Daniela	Estar c/ pessoas, cantar, dançar	Ler, meditar	
Diego	Pintar, estar c/ pessoas, dançar		Cantar
Douglas	Meditar, números, dançar	Ler, cantar, esculpir	
Graziela	Pintar	Ler, meditar	
Jonathan	Estar c/ pessoas, dançar	Cantar	
Leonardo	Meditar, estar c/ pessoas, dançar	Pintar, ler	
Lidia	Pintar, estar c/ pessoas, dançar	Ler, cantar, esculpir	
Marcela	Pintar, ler, estar c/	Meditar	

	peessoas		
Michele	Ler, estar c/ peessoas, dançar, cantar	Pintar	
Ozana	Ler, estar c/ peessoas, dançar	Ler	
Roberta	Estar c/ pessoas	Pintar, ler, dançar	
Rodrigo	Dançar	Estar c/pessoas, cantar	
Sandra	Dançar	Estar c/ pessoas	

5.3.2.3 Símbolo da Festa

A escolha do personagem simbólico no Projeto Piloto teve como ponto de partida a definição da idéia, ou seja, do empreendimento a ser desenvolvido. Partindo da organização de uma festa junina, os alunos começaram a pensar no nome e consequentemente no símbolo do evento. Algumas sugestões iniciais nasceram dentro do grupo organizador. Esse processo, porém, foi estendido aos demais alunos das 8^{as} séries por meio de um trabalho interativo, desenvolvendo o espírito participativo, explorando o perfil do líder como uma figura que proporciona integração entre os membros de um grupo e distribui tarefas para o sucesso do empreendimento.

As idéias então sugeridas foram registradas e a escolha do nome da festa foi votada pelo grupo organizador, sem intervenção da equipe de pesquisa, que apenas direcionava as discussões e auxiliava nas dúvidas. O nome escolhido foi: “Festa do Arraiá do Jeca Tatu”, sendo o símbolo o próprio Jeca Tatu, criado como personagem da festa. No anexo 5 , exemplos das atividades realizadas com o símbolo mascote.

5.4 Passo 2: Validação da Idéia no Mercado

5.4.1 Atividades desenvolvidas

- Dinâmica da “Tesoura”: Observação/Pesquisa;
- Formação de equipes de trabalho com alunos para pesquisa de campo;
- Pesquisa de preços, produtos e divulgação em festas;
- Pesquisa na Festa da Laranja;
- Filmagem e discussão dos eventos;
- Análise das informações obtidas na festa;
- Organização das informações;
- Comparação da Festa da Laranja com a Festa Junina;
- Observação da Festa no Colégio Militar;
- Observação de festas junina em outras escolas;
- Informação sobre as normas do ECAD: Pesquisa com o diretor;

5.4.2 Resultados

Os resultados do segundo passo referem-se à própria validação da idéia. O resultado mais significativo foi a resolução do problema dos direitos autorais cobrados pelas músicas tocadas em festas.

5.4.2.1 Quanto aos direitos autorais:

O problema dos direitos autorais cobrados em festas juninas surgiu a partir de um noticiário de TV, informando sobre situações ocorridas no estado de Minas Gerais. A informação anunciada em rede nacional despertou a preocupação da direção da escola e fez com que a equipe de instrutores, junto com os alunos organizadores, encontrassem procedimentos direcionados à resolução desse problema.

A primeira providência foi buscar informações sobre a situação e saber qual era o órgão responsável pela cobrança em Florianópolis. A partir do primeiro contato, foi marcada uma reunião com o diretor do ECAD e a

oportunidade foi aproveitada para transformar a reunião em uma entrevista, realizada por dois alunos e filmada por uma pesquisadora. A fita transformada em material didático foi utilizada por professores em trabalhos de sala de aula, contextualizando o problema.

A partir da organização das informações obtidas foi possível negociar o valor mínimo cobrado e o sucesso da estratégia utilizada com os alunos e o ECAD, propiciou um replanejamento para diminuir as resistências quanto ao caráter de “pedintes de prendas”, que caracterizava as festas juninas. O novo comportamento dos alunos frente a essa situação e o sucesso da negociação gerou a idéia de fazer parcerias com os empresários da região.

5.5 Passo 3: Como Fazer

5.5.1 Atividades desenvolvidas

- Análise e negociação da taxa cobrada pelo ECAD;
- Identificação e definição dos meios para divulgação da festa;
- Registro de produtos necessários: trabalho em grupos;
- Produção de materiais para a decoração da festa: contato com os professores;
- Definição de formas de arrecadação do material necessário;
- Participação dos alunos de outras séries através de Concursos Internos: Sinhazinha Empreendedora, de 1ª a 4ª série; Como eu vou ser quando crescer, de 5ª a 8ª série; Com minha avó aprendi, 5ª a 8ª série;
- Ensaio coreográfico: definição de pessoas, roupas, horário;
- Reunião com direção escolar, APP, alunos e equipe Jeca Tatu, definindo: horário, venda de bebida alcoólica, segurança, porcentagem de lucro, parcerias com empresários;
- Distribuição das pastas: formação das comissões;

- Divulgações internas: contagem regressiva, microfone na hora do recreio, visitas às salas, fantoches;
- Levantamento de preços;
- Visita ao Laboratório de Ensino a Distância - LED e à Escola de Novos Empreendedores- ENE, da Universidade Federal de Santa Catarina;
- Treinamento dos alunos para atendimento nas empresas parceiras;
- Planejamento para a organização do local;
- Avaliação estratégica do posicionamento das barracas no espaço físico da escola (anexo 6 da planta construída com o posicionamento das barracas)

5.5.2 Resultados

5.5.2.1 Dança Temática



Fotografia 2: Ensaio da Dança Temática

Foram realizados procedimentos tendo a violência como tema gerador de idéias e como um problema a ser resolvido. A Dança Temática foi um desses procedimentos, resultando em uma coreografia com alunos de 5ª à 8ª série (30 integrantes) apresentada no dia da festa. A música, o figurino e a interpretação foram concebidas a partir desse tema.

5.5.2.2 *Sete pastas*

Os grupos de trabalhos foram organizados em comissões, representadas por pastas e cores.

1ª - Pasta Branca: Ponto de Solução do Conflito – Problema

2ª - Pasta Azul: Pontos de Distribuição

3ª - Pasta vermelha: Pontos de Motivação

4ª - Pasta Verde: Ponto de Finanças – Preço

5ª - Pasta Laranja: Produção Geral

6ª - Pasta Amarela: Pesquisa e Propaganda

7ª - Pasta Lilás: Produção Artística

Cada comissão foi composta por um ou mais professores, responsáveis pelo assessoramento das atividades da respectiva pasta, em um trabalho interativo com alunos. O critério de seleção foi a identificação pessoal com as atividades a serem realizadas, ou seja, professores e alunos deveriam estar envolvidos com aquilo que mais gostassem de fazer.

As atividades dos professores e alunos, foram agrupadas nas respectivas pastas como um guia de direção para as comissões.

Cada pasta foi associada a uma cor atividade que seria realizada pelo trabalho em questão. Além de identificar cada pasta, as cores também foram um elo de identificação e adesão dos membros de cada comissão.

Professores e alunos, usaram uma fita com a cor de sua pasta durante todo processo de organização da festa, com o compromisso de só retirá-la após a execução.

5.5.2.3 *Concursos Internos*

O trabalho de desenvolvimento de habilidades empreendedoras, também foi realizado com alunos de outras séries por meio de técnicas de integração e interação entre os alunos. Uma dessas técnicas desenvolvidas foram os seguintes concursos extra-classes:

- Sinhazinha Empreendedora

O concurso da Sinhazinha Empreendedora foi realizado com alunas de 1ª a 4ª série. Por meio dessa atividade as crianças tiveram uma experiência mais ampla, vivida pelos alunos do grupo organizador. A idéia de troca de benefícios e parcerias trabalhadas pelos alunos maiores foi seguida pelas crianças que, por meio de uma forma lúdica, colocaram em prática o jeito empreendedor de alcançar um objetivo.

O comportamento de “pedinte” de doações foi modificado para um comportamento de negociação, isto é, em vez de pedir uma doação as meninas aprenderam a informar e argumentar sobre a vantagem de ser um parceiro da Festa Junina do Arraiá do Jeca Tatu, pois a proposta é que parte do dinheiro arrecadado pelas Sinhazinhas Empreendedoras iria para as 8ªs séries, parte para a Associação de Pais e Professores da escola e parte para uma Instituição de Caridade escolhida pela vencedora, além de todos os nomes dos parceiros ficarem afixados, como exemplo, em um mural no dia da festa.

- O que eu vou ser quando crescer

“O que eu vou se quando crescer” , foi um concurso desenvolvido entre alunos de 5ª a 8ª séries, com o objetivo de trabalhar com os adolescentes as mudanças no mercado de trabalho, o surgimento de novas profissões e a importância de desenvolver habilidades empreendedoras. Os alunos interessados escreveram sobre o tema e os autores dos textos mais criativos receberam um prêmio simbólico no dia da festa.

- Com minha avó aprendi

Considerando a importância da influência dos adultos no comportamento de crianças e adolescentes, foi desenvolvido o concurso *Com Minha Avó Aprendi*. A participação de alunos de 1ª a 8ª série foi estimulado, devendo registrar coisas que tinham aprendido com suas avós ou outros adultos, coisas que tivessem modificado de alguma forma o seu comportamento. As melhores histórias foram premiadas.

- A Hora do recreio



Fotografia 3: Despertando Talentos na hora do recreio

A hora do recreio foi transformada em um momento riquíssimo de socialização. Sendo aproveitado para a divulgação interna da Festa, fazendo uso de dinâmicas, tais como: Contagem regressiva; Grito de Guerra; Roda do samba; Fantoches.

- Hora do microfone e Roda do Samba

O uso diário do microfone durante o intervalo do lanche, para divulgação e informação da Festa do Arraiá do Jeca Tatu, acabou denominando esse momento de “Hora do Microfone”. Essa dinâmica foi importantíssima para desenvolver a capacidade de comunicação tanto nos alunos que organizavam o momento, como daqueles que participavam do momento. A inibição e o medo de falar em público foram sendo substituídos pela descontração e a participação voluntária, mostrando e gerando expectativas pela chegada da festa, possibilitando apresentações musicais. Alguns adolescentes utilizaram esse momento para cantar e tocar instrumentos. Os integrantes da Roda do Samba, também aproveitavam para fazer o ensaio diário da banda que depois tocou na festa.

- Contagem regressiva

A expectativa pela chegada da festa foi acentuada e marcada por meio da contagem regressiva realizada diariamente. Essa dinâmica possibilitou as crianças e adolescentes desenvolverem diferentes habilidades como as de desenhar e pintar, além de trabalharem com o raciocínio matemático.

A confecção do mural da contagem regressiva foi realizada por alunos da 4ª série que ampliaram o desenho do Jeca Tatu, feito por um por um aluno da 8ª série. Um grande mural foi fixado no pátio da escola indicando o número de dias que faltavam para a festa.

- Grito de Guerra

Se por um lado a contagem regressiva despertava nas crianças a curiosidade pelos dias seguintes, por outro o canto do Grito de guerra, criado pelos alunos das 8^{as}, transformavam o presente em uma celebração constante.

Os alunos de 1ª a 4ª série criaram cartazes coloridos divulgando a letra do canto. Além do registro escrito, crianças e adolescentes ensaiavam pequenas coreografias cantando na hora do recreio. Abaixo letra do grito de Guerra.

“Jeca Tatu é animal
eu e tu animou geral!”

5.6 Passo 4: Parceria

5.6.1 Atividades desenvolvidas:

- Técnicas psicodramáticas;
- Contato com aluno da 8ª : desenhista;
- Contato com professores;
- Contato com alunos para atração artística;
- Contato com Coreógrafa;
- Contato com profissionais externos para assessoria;

- Contato com empresários;
- Palestra com o vice-presidente da RBS/TV – Sr. Pedro Sirotsky, tendo a participação de quatro alunos e um representante da equipe Jeca Tatu;
- Palestra com empresários.

5.6.2 Resultados

5.6.2.1 Parceria com empresários



Fotografia 4: Contato com o meio empresarial

O contato com o meio empresarial foi realizado levando em consideração o empreendimento definido. Assim, a idéia de adoção de barracas, como proposta foi uma adequação à necessidade de execução da festa. O desafio de superar o caráter tradicional de pedido de prendas, possibilitou explorar junto com alunos e professores, a realização de algo cujo ganho atendesse ao interesse de todos os componentes. A proposta feita foi da troca de produtos por propaganda da empresa. Assim, a prioridade de contato foi com empresas da região, possibilitando um retorno de benefícios mais direto.

Os contatos partiram de indicações da própria escola, empresários que já colaboravam com doações, numa via única de ganho: a escola. As visitas

foram realizadas com um ou mais representante da equipe Jeca Tatu (auxílio) e um ou mais representante do grupo de alunos. Todo processo foi registrado através de filmagens, fotografias e gravação de algumas conversas, sendo transmitido posteriormente aos demais, para uma troca contínua de informação e aprendizagem entre o grupo de trabalho.

As dificuldades de cada contato tornavam-se desafios a serem superados, sempre discutidos pelo grupo. Os alunos responsáveis pelas barracas, receberam treinamento antecipado de cada empresário parceiro, oferecendo atendimento personalizado no dia da festa, de acordo com a imagem de cada empresa.

Cada empresário parceiro foi convidado para uma palestra que ocorreu na escola, com alunos, professores e direção. O objetivo foi proporcionar a interação entre os parceiros e a escola, criando um ambiente de troca de experiências e aprendizado. Para tanto os empresários presentes compartilharam suas histórias, seus sucessos e fracassos e os alunos e professores participaram com perguntas e colocações.

Além da parceria entre empresas/escola ocorreu também a parceria entre as próprias empresas, somando um total de 13 empresas e 11 barracas. As empresas parceiras são apresentadas na tabela 9.

Tabela 9: Empresas Parceiras

Empresas	Barracas
Cason	Barraca do Kit Junino
Farmais	Barraca do Cachorro quente
Mercado Alternativo	Barraca do Churrasquinho
Panificadora Michel	Barraca de Doces, Pães e Tortas
Panificadora Metrópole	Barraca de Sonhos e Beijinhos
Panificadora La Madre	Barraca de Cachorro quente
Instituição Arco Íris e Doutor Marcos Gere	Barraca da Saúde
Capitão Gourmet	Barraca do Kalzone

Empresas	Barracas
Comper	Sala do Bingo
Terapia da Arte	Studio Fotográfico
Senac	Salão de beleza
ENE	Barraca da Pescaria
Di Grandi Laboratório	Studio Fotográfico

A parceria com as empresas com a mudança do “pedido de prendas” para uma negociação de troca de benefícios, proporcionou aos alunos situações valiosas de aprendizado. Aos poucos a idéia negativa do papel do empresário na sociedade e principalmente na educação foi sendo transformada, bem como a imagem da escola pública. Na fotografia 4 pode-se ver alunos do Projeto com uma das empresárias parceiras, que proporcionou-lhes a participação em uma palestra com outros empresários de Florianópolis.

5.6.2.2 Parceria com Polícia Militar: uma segurança interativa

A necessidade de prevenção da violência foi trabalhada com alunos de todas as séries; a comissão responsável pela segurança organizou-se de forma a resolver esse problema/desafio constatado no início do processo. Por meio de contatos e negociações foi conseguido a presença de soldados da Polícia Militar.

O que parecia de início uma impossibilidade para a realização da festa, tornou-se uma fonte valiosa de possibilidade de aprendizado.

5.6.2.3 Outdoor

Um dos resultados das parcerias foi a divulgação da festa por meio de dois out doors, um localizado na própria escola e outro na Avenida Beiramar de Florianópolis. Essa conquista foi possível devido ao contato feito com o dono da empresa ex-aluno da escola. Em anexo o out door criado pelos alunos para a divulgação da festa (anexo 7).

5.7 Passo 5: Execução

5.7.1 Atividades desenvolvidas:

- Montagem das barracas e organização do local da festa;
- Alunos e professores presentes nas barracas;
- Equipe de pesquisa assessorando;
- Promoções;
- Confeção de fichas para a compra de produtos;
- Pesquisa de opinião sobre a festa;
- Atendimento aos empresários parceiros;
- Premiações;
- Apresentações;
- Resolução de problemas;
- Limpeza e organização do local.

5.7.2 Resultados

Sobre o lucro

O objetivo do Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor foi de comprovar as possibilidades de empreender o ambiente escolar, de desenvolver habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes. Por isso, a necessidade de arrecadar fundos para a formatura foi um elemento motivador para a participação dos alunos, mas não o objetivo do trabalho. O resultado alcançado nos lucros arrecadados foi uma surpresa para os alunos que não esperavam poder conseguir obter tal resultado. Segue abaixo a avaliação do lucro.

Entradas	1.612,57
Saídas	500,78
Total líquido	1.111,79

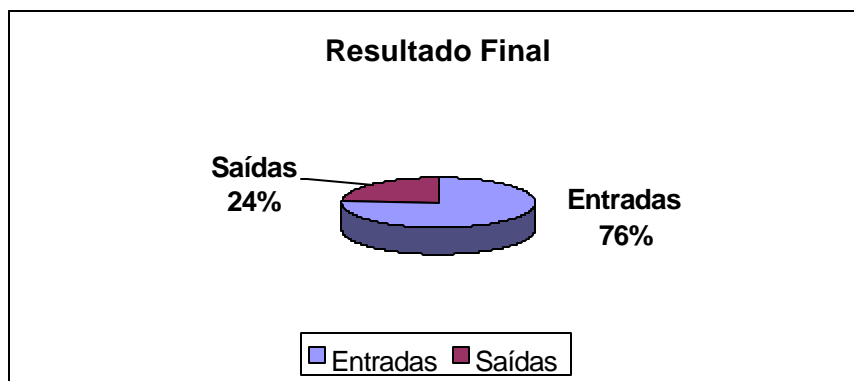


Gráfico 1: Resultado final

APP Escola	R\$ 444,72
8ª séries	R\$ 667,07

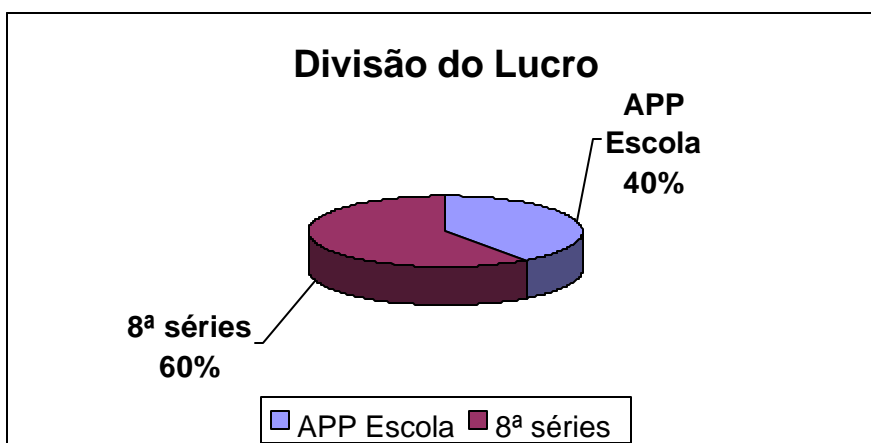


Gráfico 2: Divisão do lucro

A avaliação do público

Considerando a importância fundamental da opinião do público sobre o desempenho e atendimento da festa, foi elaborada uma ficha de pesquisa pública avaliando os principais aspectos da festa. Essa avaliação foi aplicada por um grupo de alunos responsáveis pela recepção. O modelo da pesquisa realizada na festa segue no anexo 8.

5.8 Passo 6: Avaliação

5.8.1 Atividades desenvolvidas:

- Análise da pesquisa de opinião;
- Relatório dos alunos;
- Reunião de avaliação escola/equipe de trabalho;
- Avaliação financeira;
- Apresentação dos resultados para os professores;

5.8.2 Resultados

5.8.2.1 Relatório de Finanças

Atingir o resultado final não foi uma questão de sorte ou crença, mas de empenho planejado e orientado, com mudança de comportamento. Por isso, foi desenvolvido um material de finanças com avaliação e análise dos resultados, demonstrando não só o valor total, mas o cálculo dos produtos investido pelos empresários.

5.8.2.2 Análise da avaliação do público da Festa

A avaliação realizada no dia da festa pelos próprios alunos foi analisada pela equipe de pesquisa, juntamente com o público específico do projeto. O resultado dessa análise foi um ótimo nível de satisfação do público.

Tabela 10: Análise da avaliação do público da festa

	Ótimo	Bom	Regular	Não Resp.	Total
Atendimento	61	3			64
Qualidade dos Produtos/Serviços	58	4		2	64
Atrações	51	12	1		64
Ambiente da Festa	58	6			64
Segurança	58	4	1	1	64

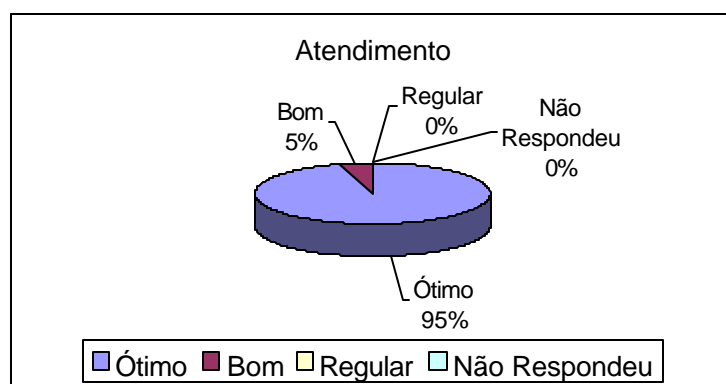


Gráfico 3: Atendimento

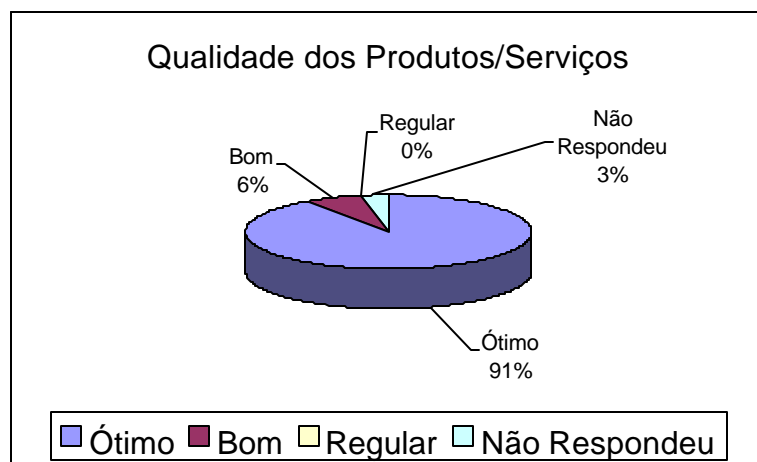


Gráfico 4: Qualidade dos produtos/serviços

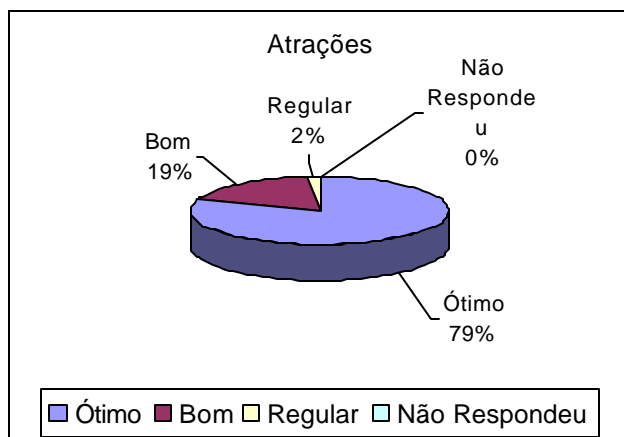


Gráfico 5: Atrações

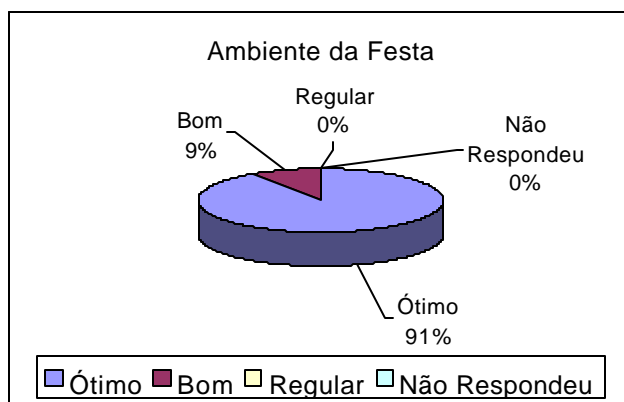


Gráfico 6: Ambiente da festa

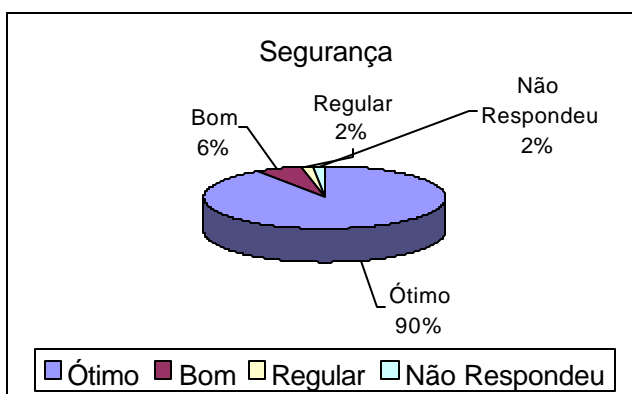


Gráfico 7: Segurança

5.8.2.3 Avaliação com os alunos

A avaliação final do projeto foi apenas um indicativo para a reprogramação dos aspectos positivos e não um encerramento do trabalho.

Ao final do projeto cada aluno do grupo de organização e um membro da direção realizaram um breve relato sobre os pontos positivos e negativos do processo, avaliando a ação da equipe de pesquisadores, o desenvolvimento do projeto e o desempenho da festa.

Abaixo passagens de alguns relatórios:

- “(...) Nossa festa teve um completo êxito já quando a frase (não deu certo ou não vai dar certo) eram proibidas para os componentes envolvidos na organização da festa.”(Tito, 802)
- “Eu achei que esse projeto que a ENE fez com a gente foi muito lucrativo, pois eu consegui aprender com tudo o que aconteceu, até com erros deu para aprender alguma coisa.” (Graziele Cecília Coelho, 801)
- “Nessas reuniões, nós conhecemos vários lugares pela Universidade, aprendemos bastante coisas com as reuniões e o principal que eu aprendi foi a negociar.” (Leonardo, 802)
- “Nós nos esforçamos e fomos negociar para poder conseguir o que queríamos e conseguimos bastante coisa, graças a vocês do projeto jeca Tatu e nós da 8ª série.” (Roberta e Marcela, 802)
- “Sobre a minha participação, o resultado não foi lá uma maravilha, mas pelo menos fiz alguma coisa, ou seja, uma coisa: a ilustração colocada no OutDoor em frente à escola...” (Ademar, 802)
- “Espero que a próxima festa seja arrasadora como essa. Pois em todos os outros anos as festas juninas perderam para a festa que foi feita esse ano” (Eliane M., 801)
- “A festa teve pontos positivos, tais como o aprendizado dos alunos em negociar com os empresários. Houve também um ótimo entrosamento entre os alunos das 8^{as} séries.” (Ana Paula Corrêa, 801)

- “O que eu achei legal foi a parceria e a vontade dos alunos da tarde, da noite, e das nossas orientadoras da ENE - Escola de Novos Empreendedores.” (Rodrigo de Jesus Ribeiro, 801)
- “No geral, a Festa Jeca Tatu Empreendedor nos fez aprender. Aprendi a ter força e animação para continuar no grupo.” (Daniela Alfa, 801)
- “Passei por várias experiências diferentes. Uma delas foi aprender a fechar um negócio, e o outro foi de administrar um evento. Eu achei que com a festa aprendemos a ser mais responsáveis, a como organizar e montar os preparativos.” (Jonathan de A. S., 801)

5.9 Passo 7: Recomeçar

5.9.1 Atividades desenvolvidas

- Encontros para o desenvolvimento da Associação dos Empresários da Trindade junto à Escola Básica Hilda Theodoro Vieira com assessoramento dos pesquisadores;
- Encontros para a implementação do Conselho de Segurança Escolar: professores, diretores, alunos, pais, polícia militar, pesquisadores.

5.9.2 Resultados:

- Trabalhos em sala de aula sobre a festa;
- Laboratório de Informática;
- Jornal ETENE;
- Editoração das filmagens ;
- Associação dos empresários – ASSET;
- Conselho de Segurança Escolar;
- Desfile 7 de setembro;
- Novo Negócio: Bazar ou Bingo dos alunos formandos;
- HomePage.

5.10 Considerações finais

A Festa do “Arraiá do Jeca Tatu” realizada no dia 17 de julho de 1999, na Escola Básica Hilda Theodoro Vieira, concluiu o empreendimento planejado e organizado pela equipe de pesquisadores da Escola de Novos Empreendedores, juntamente com o grupo de alunos organizadores das 8^{as} séries, professores representantes das pastas de comissões, direção e empresários.

Os resultados atingidos durante a festa, como a ausência de violência; o envolvimento dos professores e pais; o comportamento ativo e integrado dos alunos diante dos problemas a serem resolvidos, representando cada empresário nas barracas, a troca de benefícios entre empresários e alunos – produtos em troca de propaganda e o sucesso no lucro arrecadado, demonstram que o objetivo do Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor foi alcançado e superado. O Projeto teve sua continuidade nos trabalhos entre APP/ direção, alunos da escola e empresários, na inauguração do Laboratório de Informática, já utilizado pelos alunos, inclusive os das séries iniciais (1^a série); na implantação do Conselho de Segurança Escolar, integrando escola e Polícia Militar em um trabalho preventivo, com inauguração oficial feita no desfile do dia 7 de setembro; na integração dos empresários na formação da Associação dos Empresários das Trindade (ASSET); e no interesse dos alunos em realizar outros empreendimentos com atitudes de negociação e organização. Tudo isso demonstra o êxito na aplicação da metodologia proposta.

Assim, o Projeto Piloto Jeca Tatu cumpriu seu papel quanto ao trabalho de desenvolvimento de habilidades empreendedoras no Ensino Fundamental, pela metodologia apresentada, comprovando a possibilidade, utilidade e viabilidade de inovar o ambiente escolar, pois além do lucro arrecadado, gerou mudanças de comportamento não apenas no público-alvo, comprovado pelo sucesso e pela continuidade dos resultados alcançados.

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1 Conclusões

A rapidez com que se processa as mudanças na atualidade exige indivíduos que ajam com independência, autonomia, flexibilidade, criatividade, compromisso e colaboração. Diante dessa realidade as pessoas precisam aprender a se adaptar continuamente.

Essa atitude passa por uma educação comprometida com o desenvolvimento de novas habilidades, de um novo perfil de homem, uma educação que empreenda sua práxis.

A aplicação do projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor, comprovou que é possível empreender no ambiente escolar e alcançar os objetivos desejados mediante empenho planejado e orientado. Utilizando procedimentos adequados é possível desenvolver habilidades em crianças, jovens e adultos, instrumentalizando, assim, os indivíduos para encararem as mudanças e desafios da vida moderna.

As habilidades desenvolvidas expressas no comportamento dos alunos foi um resultado palpável comprovando que o empreendedorismo não é sonho, nem utopia. É uma possibilidade viável.

A metodologia dos Sete Passos, apresentada no quarto capítulo, oportuniza uma organização de procedimentos para potencializar o perfil do empreendedor de alunos do Ensino Fundamental.

A metodologia foi aplicada em uma escola pública de Florianópolis, o que constitui um ambiente com vários desafios, mas que apesar das dificuldades se mostrou extremamente fértil revelando talentos empreendedores.

A metodologia apresentada foi incorporada no cotidiano escolar durante três meses. Nesse período atividades propostas pelo grupo de alunos

repercutiram positivamente no ambiente da escola. Entre essas atividades pode-se citar: hora do recreio, concursos internos, palestras com pais e empresários do bairro, “gritos de guerra”, fitas coloridas representando equipes de trabalho, etc.

Muitos são os resultados da aplicação da metodologia utilizada podendo ser avaliados de diferentes maneiras. Do ponto de vista prático, um grupo de alunos de diferentes classes sociais, inexperientes, sem perspectivas de alcançar seus objetivos (recursos para festa de formatura) conseguiu organizar-se para realizar uma festa e levantar recursos financeiros. Do ponto de vista comportamental o grupo adquiriu autoconfiança, capacidade de interagir com o seu meio, comportamento proativo, capacidade de negociação, poder de solucionar problemas racionalmente, etc. Do ponto de vista da Escola a aplicação da metodologia trouxe vantagens concretas como motivação dos alunos no ambiente escolar, material didático que desperta o interesse de alunos (relatórios financeiros da festa, fitas de vídeo produzidas nas visitas e entrevistas, etc), parceria com os empresários do bairro cuja associação foi criada dentro da escola(ASSET), o Primeiro Conselho Escolar de Segurança de Santa Catarina, agilização do funcionamento do Laboratório de Informática, dentre outros.

6.2 Recomendações para trabalhos futuros

Considerando a proposta de continuidade embutida no sétimo passo da metodologia e que o desenvolvimento do Projeto Piloto foi um passo em direção à disseminação do espírito empreendedor, é imprescindível que a pesquisa continue mostrando que é possível disseminar o conceito de empreendedorismo nas diferentes áreas.

O Projeto Piloto teve como público de ação os alunos, contudo, evidenciou-se a necessidade de capacitar o professor para desenvolver uma educação empreendedora. Essa necessidade sugere como trabalhos futuros o desenvolvimento de cursos voltados para o preparo do professor.

Outra questão de fundamental importância é a parceria entre empresas e escolas no fomento do espírito empreendedor. O Projeto Piloto, comprovou que é possível unir forças para atingir objetivos de bem estar comum. Nesse sentido é preciso que estudos e pesquisas revelem possibilidades práticas de ação conjunta. Podendo ser usado como laboratório para tal fim, outro ganho de continuidade do trabalho, a Associação dos Empresários da Trindade – ASSET.

A participação do público infantil no desenvolvimento do Projeto Piloto e as indicações constantes que quanto mais cedo iniciar o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, aponta de forma especial para o desenvolvimento de um trabalho direcionado ao empreendedorismo no Ensino Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERY, Maria Amália et al. *Para Compreender A Ciência*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- AUED, Bernadete Wrublewski. *Profissões no Passado e no Futuro: Espelho de um Mundo em Metamorfose*. Florianópolis – UFSC, 1997.
- BACON, Francis. *Novum Organum*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, Trad. José Aluysio Reis de Andrade.
- BARRETO, Luiz Pondré. *Etimologia da palavra Empreendedorismo*. Universidade Católica de Salvador, Set., 1998.
- BOLZAN, Regina de Fátima F. A. *O conhecimento tecnológico e o paradigma educacional*. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, 1998, dissertação.
- BOMFIM, David. *Pedagogia No Treinamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1995.
- BORCHET, Cristina Luiza. *Empreendedorismo e Ensino Fundamental, uma Parceria Necessária*. Florianópolis – SC, UFSC, 1999.
- COMÊNIO, João Amós. *Didática Magna*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª ed., 1957, Trad. Joaquim Ferreira Gomes.
- DE MORI (org.). *Primeiro Emprego em busca da empregabilidade*. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, UFSC, 1999.
- DE MORI, Flávio et al (org.). *Empreender Identificando, avaliando e planejando um novo negócio*. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.
- DOLABELA, Fernando. O Ensino de Empreendedor: Panorama Brasileiro. In: *Seminário – A Universidade Formando Empreendedores*, Brasília, Maio, 1999, P.1-10.
- FACHIN, Odília. *Fundamentos De Metodologia*. São Paulo: Atlas, 1993.

FILLION, Louis Jaques. Empreendedorismo: *empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios*. Revista da Administração. São Paulo, v.34, n.2, p.05-28, abr/jun 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas. A Teoria na Prática* Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GAUTHIER, Fernando Álvaro Ostuni et al. *A participação do público infantil no Projeto Piloto Jeca Tatu Empreendedor*. In anais: Enempre – 1º Encontro Nacional de Empreendedorismo – Florianópolis – Sc, Ene/UFSC, Out., 1999.

GAUTHIER, Fernando Álvaro Ostuni et al. *Empreendedorismo e contatos imediatos com primeiro grau*. In anais: Enempre – 1º Encontro Nacional De Empreendedorismo – Florianópolis – SC, Ene/UFSC, Out., 1999.

GAUTHIER, Fernando Álvaro Ostuni et al. *Projeto Jeca Tatu Empreendedor: Relato de uma Parceria que deu certo*. In anais: Enempre – 1º Encontro Nacional De Empreendedorismo – Florianópolis – SC, Ene/UFSC, Out., 1999.

GONÇALVES, Elma Julia. *Desenvolvimento Das Teorias Pedagógicas E De Suas Concepções De Currículo*. In: Monografia, UEM, Maringá – Pr.

LAPOLLI, Édis Mafra et al. *Empreendedorismo em Organizações*. In Anais: Enempre – 1º Encontro Nacional De Empreendedorismo. Florianópolis – SC, ENE/UFSC, Out., 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. *Reinação de um escritor: Monteiro Lobato*. UEM, Maringá/PR, 1993.

MUSSEN, Paul Henry et al. *Desenvolvimento e Personalidade da Criança*. 3ª Ed, São Paulo: Harbra, 1995.

NÉRICI, Imídio G. *Didática Geral – Dinâmica*. São Paulo: Atlas, 1989.

NIEDERAUER, Maria Cristina; COSTA, Márcio Corrêa da; ULBRICHT, Vânia Ribas. *A Criatividade e o Empreendedorismo*. In Anais: Enempre, 1999, p.161-165.

Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9.394, Dez - 1996.

NUNES, Rosimeri Coelho. *Metodologia para o ensino de informática para a terceira idade* – aplicação no CEFET/SC. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, setembro, 1999, dissertação.

PEREIRA, Sônia e NIEDERARURER, Maria Cristina. *Considerações sobre o comportamento empreendedor e a busca de informações e sua efetiva utilização*. In Anais: Enempre, 1º Encontro Nacional De Empreendedorismo. Florianópolis – SC, Ene/UFSC, out, 1999, p.167-175.

PEREIRA, Sônia et al. *Paradoxos{Tele[(Vídeo)Conferência + (Trabalho)Educador]}*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1997.

PEREIRA, Sônia et al. *Do Custo Psicológico Para Viver Com Menos Esforço*. Florianópolis – UFSC, Jul., 1998,

PEREIRA, Sônia et al. *{ Produção [Educação (Teorias) Distância]} = {Autonomia [Com (Tra) Dição]}*. Florianópolis, PPGE, UFSC, Jun., 1998. (Disciplina Conhecimento, Informação E Educação).

PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. São Paulo: Ática, 1987.

RAY, D. M. (1993). *Understanding the entrepreneur: entrepreneurial attributes, experience and skill, Entrepreneurship and Regional Development*. 5 (4), 345-357.

SANNY, Rosa. *Construtivismo e Mudança*. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTA CATARINA, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação Docente para Educação Infantil e Séries Iniciais*. Florianópolis : Cogen, 1998.

SCHIFF, Michel. *A Inteligência Desperdiçada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SCHWARZ, Rosângela Rodrigues. *Modelo de Avaliação para cursos em Ensino a Distância: Estrutura, Aplicação e Avaliação*. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, 1998, dissertação.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos Do Ensino Fundamental*. Introdução Aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro E Quarto Ciclos: Apresentação Dos Temas Transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

TOBAL, Ada Mariza. *O conhecimento e seus usos*. In anais: Enempre – 1º Encontro Nacional De Empreendedorismo – Florianópolis – SC, ENE/UFSC, Out., 1999.

TONELLI, A. *A Elaboração de uma Metodologia de Capacitação Aplicada ao Estudo das Características Comportamentais dos Empreendedores*. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção. dissertação.

ANEXOS

Anexo 1: Modelo da avaliação das habilidades

Nome: _____ Idade: _____

Endereço: _____

6.3 Bairro: _____ **Cidade:** _____

Contato:

Telefone – Com.: _____ Res.: _____ Recado: _____

Trabalho: sim não

Em que: _____

Profissão: Pai: _____

Mãe: _____

Tem irmãos: sim não Quantos: _____

O que eu mais gosto na escola é:

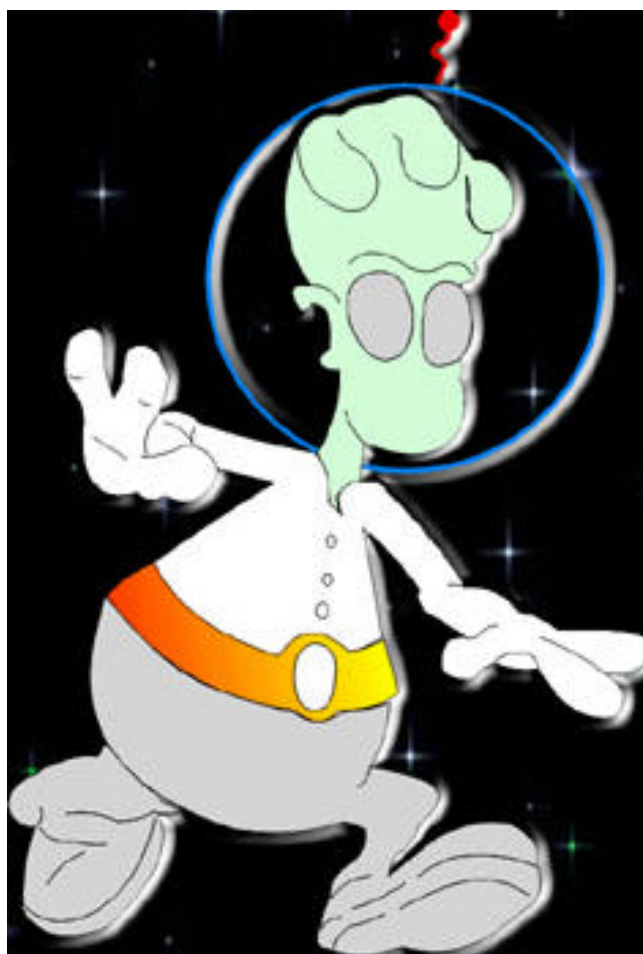
O que eu mais faço na escola é:

1					QUANTO GOSTO DE:
					Pintar, desenhar
					Ler, contar histórias, escrever
					Meditar, ficar sozinho
					Estar com pessoas
					Números e cálculos
					Dançar, jogar bola, ginástica e esporte em geral
					Cantar, tocar algum instrumento
					Esculpir, equilibrar objetos uns sobre os outros

* Nota: Os números acima equivalem na ordem a:

- 1 (--); • 2 (-); • 3 (+); • 4 (+); • 5 (++)

Anexo 2: Utilização do símbolo mascote¹



¹ Mascote Etene, símbolo do curso Etene faz festa, do Programa de Empreendedorismo em Educação da Escola de Novos Empreendedores/UFSC.

Anexo 3: Dados iniciais dos alunos

- Idade: 68% até dois anos acima, 26% de acordo com a série, 6% mais de dois anos acima.
- Pai: Escolaridade - 39% mais que a terceira série - 1º grau, 31 % até a terceira série do 1º grau, 15% 2º grau. Profissão - zelador, segurança, vigia, pedreiro, pintor, marceneiro, carpinteiro, mecânico, motorista, bancário, gerente, dentre outras.
- Mãe: Escolaridade - 64% mais que 3ª série/ 1º grau, 16% analfabeta, 10% até terceira série do 1º grau, 2º grau e não tem mãe 5%. Profissão - do lar, faxineira, lavadeira, cozinheira, empregada doméstica, professora dentre outras, sendo que 4% não tem mãe.
- Irmãos: 38% um, 26% nenhum e até 3, 10% 4 ou 5.
- Quando não está na escola - 80% fica em casa, 10% fica na rua, 5% trabalha fora e outras atividades. O que faz - 38% vê TV/Brinca, 26% cuida da casa/ dos irmãos e outras atividades, 5% estuda e trabalha fora.
- Programa de TV favorito: 25% vários, 20% jornal e novela, 15% comédia, 10% não respondeu, 5% esportes.
- Música preferida: 40% Roch/Pumpupot, 25% Rap/Reggae/Funk, 15% samba/pagode e todas, 5% lenta/romântica.
- O que Lê: 85% revista, 15% jornal
- Porque vem para a escola: 47% Para ser alguém/ um futuro melhor, 43 % Para aprender/ estudar, 10% para conhecer pessoas.
- Mora em casa: 90% casa própria

Anexo 4: Avaliação do conceito de festa do público específico

RECONHECIMENTO DA REALIDADE

Pesquisa com Alunos das 8ª Séries

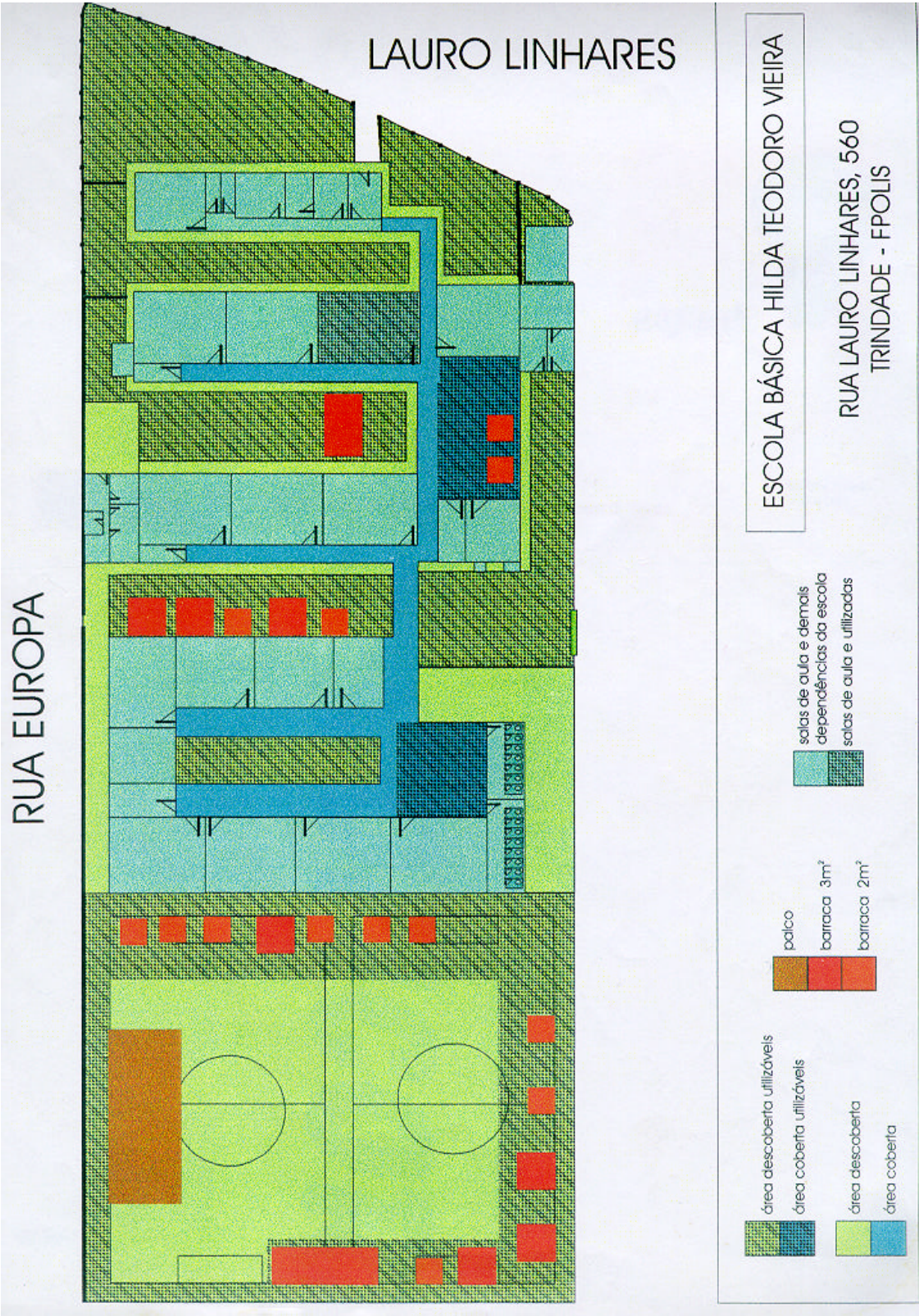
- **Roteiro**

1. Você gosta de festa?
2. Você gosta de organizá-las ou simplesmente celebrá-las?
3. O que é uma festa para você? Para que se faz uma festa?
4. O que você acha que é necessário para que uma festa tenha sucesso? (quanto à organização)
5. Durante uma festa como você acha que a equipe de organização deve se comportar, agir?
6. Você acha que é necessário planejar ou simplesmente improvisar?
7. Quanto à festa da família, qual foi o objetivo? O que aconteceu?
8. O que você observou, considera de mais importante (legal)? Por quê?
9. Você observou que tenha ocorrido na festa como problema? Como poderia ser melhorado para a próxima? Se fosse você o organizador o que faria?
10. O que você acha que tenha faltado?
11. Qual foi a sua participação na festa?
12. O que uma festa junina deve ter para que seja celebrada na sua plenitude? (quanto à qualidade/ quantidade de produto/serviço)?
13. Acha importante a intervenção de professores/ técnicos, ou acredita que a simples organização dos alunos é suficiente?
14. De que forma o corpo docente poderia ajudar?
15. Se organizar uma festa dependesse de você, quais seriam os seus primeiros passos (faça seu roteiro)
16. Você costuma participar das celebrações da sua escola?
17. O que você mais gosta e o que menos gosta das festas que participa?

Anexo 5: Utilização do mascote na organização da festa



Anexo 6: Planejamento estratégico das barracas no espaço físico da escola



Anexo 7: Criatividade no out door da festa



Anexo 8: Ficha de pesquisa desenvolvida para a avaliação do público da festa

Horário: _____

Olá. Que bom que você veio! Gostaríamos de saber a sua opinião.

	😊	😐	☹
Atendimento			
Qualidade dos produtos/serviços			
Atrações			
Ambiente da festa			
Segurança			

Criticas/Sugestões: _____

Obrigado. Sua contribuição é muito importante. Afinal, precisamos saber o que você –
nosso cliente – achou da festa.

Arraiá do Jeca Tatu

ANEXOS

Anexo 9: Modelo da avaliação das habilidades

Nome: _____

Idade: _____

Endereço: _____

6.4 Bairro: _____ Cidade: _____

Contato: _____

Telefone – Com.: _____ Res.: _____ Recado: _____

Trabalho: sim não

Em que: _____

Profissão: Pai: _____

Mãe: _____

Tem irmãos: sim não Quantos: _____

O que eu mais gosto na escola é: _____

O que eu mais faço na escola é: _____

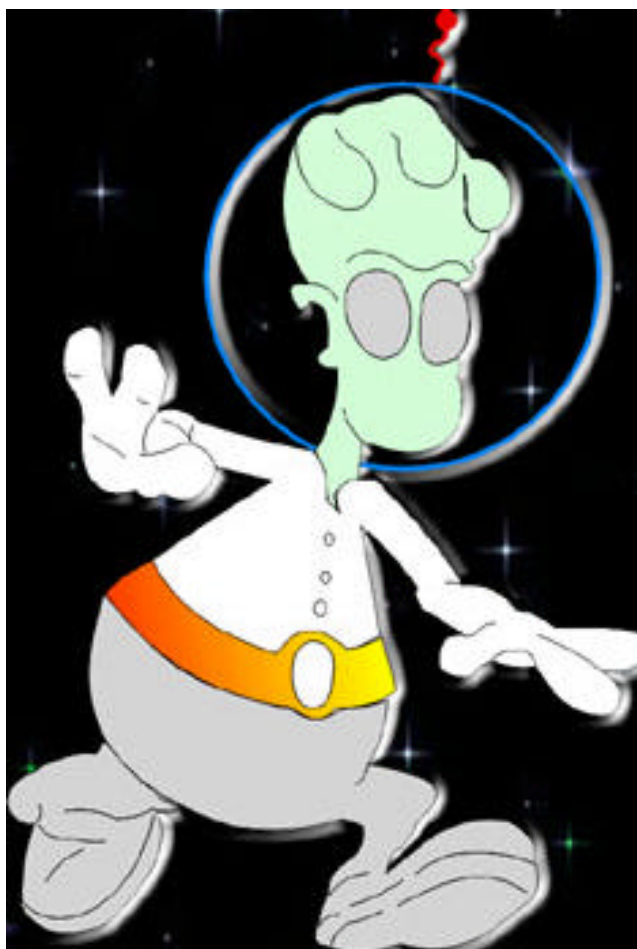
					QUANTO GOSTO DE:
1					

					Pintar, desenhar
					Ler, contar histórias, escrever
					Meditar, ficar sozinho
					Estar com pessoas
					Números e cálculos
					Dançar, jogar bola, ginástica e esporte em geral
					Cantar, tocar algum instrumento
					Esculpir, equilibrar objetos uns sobre os outros

** Nota: Os números acima equivalem na ordem a:*

- 1 (--); • 2 (-); • 3 (-+); • 4 (+); • 5 (++)

Anexo 10: Utilização do símbolo mascote²



² Mascote Etene, símbolo do curso Etene faz festa, do Programa de Empreendedorismo em Educação da Escola de Novos Empreendedores/UFSC.

Anexo 11: Dados iniciais dos alunos

- Idade: 68% até dois anos acima, 26% de acordo com a série, 6% mais de dois anos acima.
- Pai: Escolaridade - 39% mais que a terceira série - 1º grau, 31 % até a terceira série do 1º grau, 15% 2º grau. Profissão - zelador, segurança, vigia, pedreiro, pintor, marceneiro, carpinteiro, mecânico, motorista, bancário, gerente, dentre outras.
- Mãe: Escolaridade - 64% mais que 3ª série/ 1º grau, 16% analfabeta, 10% até terceira série do 1º grau, 2º grau e não tem mãe 5%. Profissão - do lar, faxineira, lavadeira, cozinheira, empregada doméstica, professora dentre outras, sendo que 4% não tem mãe.
- Irmãos: 38% um, 26% nenhum e até 3, 10% 4 ou 5.
- Quando não está na escola - 80% fica em casa, 10% fica na rua, 5% trabalha fora e outras atividades. O que faz - 38% vê TV/Brinca, 26% cuida da casa/ dos irmãos e outras atividades, 5% estuda e trabalha fora.
- Programa de TV favorito: 25% vários, 20% jornal e novela, 15% comédia, 10% não respondeu, 5% esportes.
- Música preferida: 40% Roch/Pumpupot, 25% Rap/Reggae/Funk, 15% samba/pagode e todas, 5% lenta/romântica.
- O que Lê: 85% revista, 15% jornal
- Porque vem para a escola: 47% Para ser alguém/ um futuro melhor, 43 % Para aprender/ estudar, 10% para conhecer pessoas.
- Mora em casa: 90% casa própria

Anexo 12: Avaliação do conceito de festa do público específico

RECONHECIMENTO DA REALIDADE

Pesquisa com Alunos das 8ª Séries

- **Roteiro**

18. Você gosta de festa?
19. Você gosta de organizá-las ou simplesmente celebrá-las?
20. O que é uma festa para você? Para que se faz uma festa?
21. O que você acha que é necessário para que uma festa tenha sucesso?
(quanto à organização)
22. Durante uma festa como você acha que a equipe de organização deve se comportar, agir?
23. Você acha que é necessário planejar ou simplesmente improvisar?
24. Quanto à festa da família, qual foi o objetivo? O que aconteceu?
25. O que você observou, considera de mais importante (legal)? Por quê?
26. Você observou que tenha ocorrido na festa como problema? Como poderia ser melhorado para a próxima? Se fosse você o organizador o que faria?
27. O que você acha que tenha faltado?
28. Qual foi a sua participação na festa?
29. O que uma festa junina deve ter para que seja celebrada na sua plenitude?
(quanto à qualidade/ quantidade de produto/serviço)?
30. Acha importante a intervenção de professores/ técnicos, ou acredita que a simples organização dos alunos é suficiente?
31. De que forma o corpo docente poderia ajudar?
32. Se organizar uma festa dependesse de você, quais seriam os seus primeiros passos (faça seu roteiro)
33. Você costuma participar das celebrações da sua escola?

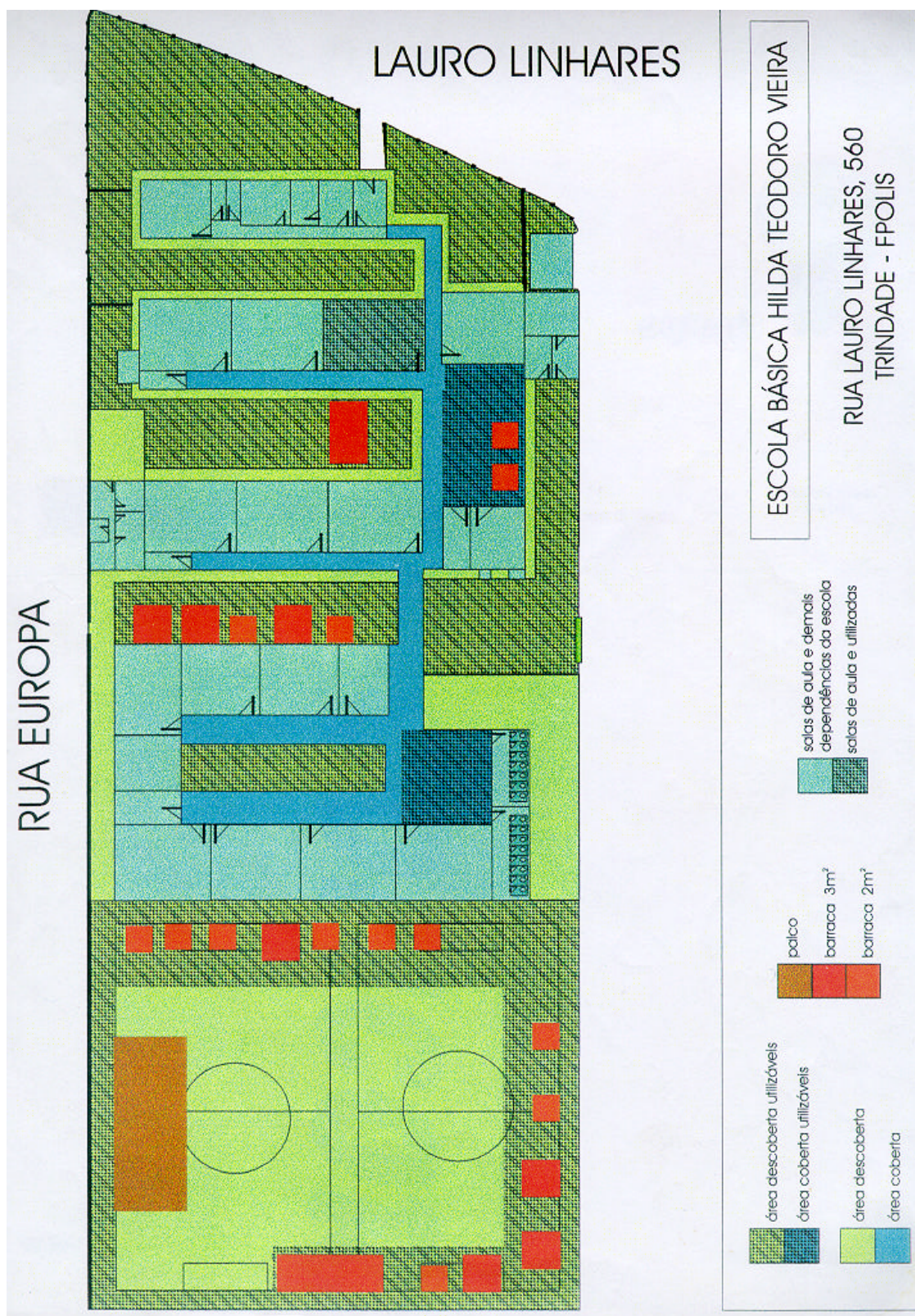
34. O que você mais gosta e o que menos gosta das festas que participa?

Anexo 13: Utilização do mascote na organização da festa





Anexo 14: Planejamento estratégico das barracas no espaço físico da escola



Anexo 15: Criatividade no out door da festa



Anexo 16: Ficha de pesquisa desenvolvida para a avaliação do público da festa

Horário: _____

Olá. Que bom que você veio! Gostaríamos de saber a sua opinião.

	😊	😐	😞
Atendimento			
Qualidade dos produtos/serviços			
Atrações			
Ambiente da festa			
Segurança			

Criticas/Sugestões: _____

Obrigado. Sua contribuição é muito importante. Afinal, precisamos saber o que
você – nosso cliente – achou da festa.

Arraiá do Jeca Tatu